



**SORAIA MARIA
LOPES PEDROSA**

Autoedição de um livro infantojuvenil



**SORAIA MARIA
LOPES PEDROSA**

Autoedição de um livro infantojuvenil

Relatório de projeto apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Editoriais, realizado sob a orientação científica do Doutor João Torrão, Professor Catedrático do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

“Do not follow where the path may lead. Go instead where there is no path and leave a trail”

Muriel Strode

o júri

presidente

Professora Doutora Maria Cristina Matos Carrington da Costa
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Professora Doutora Ana Margarida Corujo Ferreira Lima Ramos
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro (arguente)

Professor Doutor João Manuel Nunes Torrão
Professor Catedrático da Universidade de Aveiro (orientador)

palavras-chave

livro, edição, *design* editorial, literatura infantojuvenil.

resumo

O projeto de mestrado *No pico do pico da Ilha do Pico* propõe o protótipo para um livro infantojuvenil, sendo este concebido através de diversos mecanismos de expressão escrita e visual. Este projeto consiste na produção e edição de conteúdo, pela elaboração do *design* e a conceção gráfica de um livro, reproduzindo as várias facetas do processo editorial no seu todo através da aplicação de competências adquiridas no mestrado. O resultado final é um álbum ilustrado, preparado para ser publicado e inserido no mercado.

keywords

book, publishing, editorial design, children's literature.

abstract

The master's project *No pico do pico da Ilha do Pico* proposes the prototype of a children's book, conceived through several different mechanisms of visual and written expression. This project consists in the production and editing of content, the elaboration of its design and the graphic conception of the book, reproducing the several facets of the editorial process in its whole by applying skills acquired in the master's degree. The final result is an illustrated children's book, ready to be published and inserted in the market, being provided guidelines for such a process.

Índice

Introdução.....	15
I – Fundamentação Teórica	17
1. Os Problemas.....	19
2. Objetivos.....	21
3. Motivações	21
II – Aplicação Prática	23
Conceção de um livro.....	24
1. Tema	24
2. Equipamento e Recursos	24
3. Equipa	24
4. Calendário e metodologia	25
5. Design	25
6. Produção e edição de texto.....	34
7. Produção e edição das ilustrações	35
8. Paginação.....	40
9. Impressões-teste, impressão final e acabamento.....	41
10. Plano de marketing para inserção no mercado infantojuvenil	42
10.1 Análise do mercado e situação competitiva.....	42
10.2 SWOT.....	43
10.3 Definição da estratégia.....	44
10.4 Controlo/Indicadores de desempenho	48
III – Conclusão.....	50
IV - Bibliografia	56
V – Anexos	59
Anexo 1	60
Anexo 2	60
Anexo 3	62
Anexo 4	63
Anexo 5	64
Anexo 6	65
Anexo 7	66
Anexo 8	66
Anexo 9	67

Anexo 10	68
Anexo 11	69
Anexo 12	70
Anexo 13	71
Anexo 14	72
Anexo 15	73
Anexo 16	73

Índice de Figuras

Figura 1: texto de 16pt versus texto de 22 pt.....	21
Figura 2: a tipografia utilizada no projeto.....	22
Figura 3: corpo de texto com Sabon MT Std versus com Adobe Kaiti Std R.....	22
Figura 4: título do livro na capa com Tw Cent MT versus com Berlin Sans FB.....	23
Figura 5: paleta de cores selecionada.....	24
Figura 6: a lombada original.....	26
Figura 7: paginação.....	31

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Aplicação do modelo de 5 forças de Porter.....	35
Tabela 2 – análise SWOT.....	37

Introdução

O projeto **Autoedição de um livro para o público infantojuvenil** desenvolve-se no âmbito do Mestrado em Estudos Editoriais e tem como principal objetivo a criação de um produto editorial de raiz, pronto a ser distribuído e comercializado.

Neste relatório foram registadas todas as fases do projeto ao detalhe.

De início, na fundamentação teórica, desenvolvo uma análise dos problemas editoriais que o projeto pode resolver. Através de uma reflexão, estabeleço intenções para o percurso inteiro à frente: a aquisição de conhecimentos ao longo do mestrado e a aplicação prática destes, abrangendo todas as disciplinas que frequentei, e ainda o conceito que o projeto expressa: a cultura açoriana do quotidiano.

Na aplicação prática destes aspetos é que se desenvolve uma investigação e organização de conhecimentos necessários à conceção do projeto. Cada fase é acompanhada de um contexto teórico e de comentários e pensamentos que justificam cada decisão: escolhas relativas ao *design*, à tipografia, ao formato e tamanho do livro, entrando até mesmo no mundo da pedagogia com a decisão em torno da exibição de nudez num livro infantojuvenil, um tema debatido ao longo dos tempos e recentemente revitalizado pelas tendências e inovações da cultura editorial da atualidade. As disciplinas do mestrado e o contexto que o acompanhou (o ano letivo de 2017/2018) revela-se na estrutura do relatório.

Também aqui podem ser consultadas as alternativas que considerei, as observações que reuni e os conselhos das pessoas a quem recorri. Afinal, este foi um processo extenso e deliberado, com várias facetas diversas e desenvolvido ao longo de bastante tempo, perto de um ano. Essa noção está muito presente neste projeto, embora o produto final em que se materializou o conceito original seja simples. A simplicidade do tema que eu pretendia trazer para a luz no mundo editorial manteve-se até ao fim, creio, tendo sido a Ilha do Pico e a sua cultura local ilustrada e tratada com as ferramentas que me foram indicadas e que aprendi a utilizar de forma autónoma.

Neste relatório é também demarcada a importante organização de recursos de vários tipos e a sua descrição e modo de gestão. Ao longo do desenvolvimento do projeto, estes recursos são utilizados de diferentes formas, consoante a evolução do produto final. A interação entre as diferentes fases do projeto, assim como as influências que o compõem, estão cuidadosamente descritas de modo a atingir uma transparência total. Constam também, claro, as limitações que apresentaram obstáculos, na sua maioria em termos de recursos limitados e de isolamento, mas também os momentos de sucesso, geralmente em termos de gestão e produção e edição do conteúdo a ser utilizado: o texto e as ilustrações.

Uma grande parte do projeto está registada após todos estes processos práticos e criativos, pois a história do projeto não termina aí: segue-se um plano de marketing para a sua inserção e sobrevivência no mercado livreiro atual. Uma análise detalhada contextualiza o princípio e desenvolvimento deste projeto enquanto produto comercial, a finalidade de um livro

desta tipologia, um livro infantojuvenil destinado a divulgar a cultura portuguesa e açoriana a uma escala local. Assim, uma nova área desdobra-se para integrar este livro na realidade que nos rodeia e obter retorno dos investimentos a que procedi.

Este momento de avaliação final do mestrado encontra-se assim completa e registada com sucesso, revelando todos os componentes, conhecimentos e técnicas que transformam este projeto num verdadeiro projeto editorial, oficialmente um livro – o objeto do Mestrado em Estudos Editoriais.

I – Fundamentação Teórica

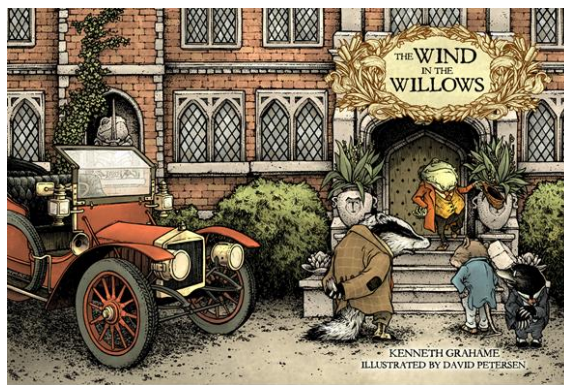
1. Os Problemas

Este projeto editorial propõe resolver o problema da impessoalidade da ilustração digital, encorajando o aumento do número de livros que se apoiam totalmente na ilustração tradicional e provando que a qualidade não é sinónimo de novidade. Além disso, é escassa a representação da cultura portuguesa e açoriana, embora tenha vindo a ser explorada na literatura infantojuvenil nos anos mais recentes. Esse é o segundo problema principal que pretendo resolver com este projeto editorial.

Constitui ainda um problema, a abordar aqui, o tabu sobre a nudez nos livros infantojuvenis que não os manuais instrutivos sobre a puberdade e a reprodução.

Nesta medida, o livro ilustrado de hoje em dia tem também ilustrações digitais, feitas por computador, geralmente através de ferramentas como o Adobe Photoshop e mesas gráficas. Esta transição também teve lugar nos filmes de animação, antes animados e coloridos à mão e atualmente através de meios tecnológicos. Discute-se aqui o impacto e a qualidade desta estética, sendo que oferece a possibilidade de ilustrar sem um conhecimento de básicos fundamentais como a capacidade de desenho, pintura, composição e conceito: estes apenas se traduzem digitalmente se adquiridos tradicionalmente. Além disto, a própria textura e cor dos materiais utilizados (como por exemplo aguarela, pastel, nanquim, etc.) pode ser possível de imitar digitalmente, mas nunca capturando a mesma genuinidade e sensação – sendo a educação sensorial do jovem leitor de grande importância. O uso das novas tecnologias para a produção de ilustrações também permite a poupança de tempo e de materiais, dado que um erro pode ser facilmente removido no computador ao passo que no papel é geralmente irremediável. Todos estes aspetos reduzem os custos de produção do livro.

Segundo Kirchof (2011 p.39), “No caso da apropriação de códigos típicos do ambiente digital, essa tendência desenvolve o seu mais elevado potencial quando a obra é construída para ser lida dentro do próprio ciberespaço – ou seja, quando se torna literatura propriamente digital – e não mais a partir do suporte impresso (...). A apropriação de formas e códigos digitais, nesse caso, é tão intensa que o percurso de leitura exigido do leitor rompe com duas características fundamentais do texto literário tradicional, a saber, a linearidade da escrita – através do hipertexto – e o predomínio do código verbal – através da hipermídia.” Ou seja, a fusão entre as novas tecnologias e a literatura infantojuvenil gera novos produtos, que colocam em dúvida o enriquecimento visual e pedagógico do público infantil em termos de valor estético. A título de exemplo, nos Anexos figuram duas ilustrações da mesma cena do livro infantojuvenil *O Vento nos Salgueiros* de Kenneth Grahame: uma é a original, ilustrada tradicionalmente e outra é ilustrada por computador. Podemos verificar que a qualidade e o charme da ilustração original ultrapassa a mais recente.



Ver Anexo 1: ilustrações de O Vento nos Salgueiros para comparação: a original, à mão, de Inga Moore, e a mais recente, por computador, de David Petersen.

A literatura infantojuvenil portuguesa/açoriana necessita claramente de um reforço para que possa ser ilustrada e introduzidos os leitores infantis e os seus lares pelo país e pelo estrangeiro. A cultura portuguesa em si pode ser encontrada em livros infantis como *Praia-Mar*, de 2011 ou até brevemente em *O Mundo num Segundo*, de 2008, e ainda em *O Que Vês Dessa Janela?*, de 2011, todos pela Planeta Tangerina. Nesta pesquisa sobre livros que retratem a facetas da cultura portuguesa atual, encontrei *Viagem às Terras de Portugal*, de 2011 e pela Peirópolis. Não me refiro à História de Portugal, sobre a qual existem muitos livros infantis (sobre a Revolução dos Cravos, os Descobrimentos, a antiga monarquia ou a Idade Média, ou ainda sobre a descoberta e povoamento dos Açores como é o caso de *Um Lugar Chamado Açores*, de 2010 pela Publiçor).

Quanto à cultura açoriana do quotidiano atual, encontram-se dois livros. Algo indiretamente, *A história de Zeca Garro*, publicado em 2007 pela Ecoteca do Pico com o apoio do Governo dos Açores. O livro é em si um pequeno projeto editorial destinado, principalmente, à sensibilização das crianças para a fauna açoriana, tocando também temas característicos das ilhas, como a emigração. Além deste livro, a Gailivro publicou, em 2006, *Clara na Ilha Terceira, Açores*. No entanto, este livro não alcançou renome aparente e a sua qualidade estética é muito fraca.

Como será descrito neste relatório, existem edições que representavam alguma nudez, que foi censurada apesar de ser inócua. Pretendo investigar brevemente este tópico, analisando o que é necessário para que seja abordado de forma natural e sem condenação, para um desenvolvimento mais descomplexado das crianças e uma maior amizade para com o corpo humano num ambiente seguro.

Os problemas que este projeto pode vir resolver constituem então oportunidades para a sua integração no mercado editorial.

2. Objetivos

Os meus objetivos na conceção deste livro são diversos. Pretendo aplicar todos os conhecimentos que adquiri durante o Mestrado, desde a conceção gráfica e prática que inclui informática, revisão de texto, entre outros detalhes que passam por escolhas tipográficas, decisões estéticas e preparação e edição de conteúdo de formatos diferentes, além da elaboração de um plano de marketing que sustente a sua inserção e continuidade no mercado livreiro.

Pretendo aplicar conhecimentos pessoais que adquiri no meu percurso académico anterior, a licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas também na Universidade de Aveiro, e de vida, que se revelarão enquanto diversos recursos, como o estilo de escrita bem treinado ou a sensibilidade artística e nível de desenho que serão necessários à produção de conteúdo.

Um destes objetivos, que tenho vindo a planear ao longo do Mestrado e que germinou nas aulas de Edição na Atualidade e de Literatura Infantojuvenil, será abordar o livro enquanto objeto útil mas simultaneamente estético. O livro pode ser encarado enquanto artefacto, do exterior ao interior, um objeto singular e físico que pode ser planeado e concebido de forma a ser belo, curioso no manuseamento e na leitura e interpretação.

Ainda integra os objetivos a investigação aprofundada da tipologia infantojuvenil, descobrindo que processos devem ser conduzidos para contribuir para com este público. Não obstante, é meu objetivo que o livro contenha uma série de esquemas fraturantes que resultem numa infantilização dos adultos ou numa “adultização” das crianças para que se aproxime bastante da tipologia *crossover* e assim seja mais rico e inovador.

Constitui também um objetivo conceber um livro que capture claramente os conceitos aprendidos ao longo do curso, dos abstratos aos técnicos. A meta a alcançar é uma aura editorial cativante, em que a paratextualidade e as ilustrações sejam convenientemente suportadas pelas decisões corretas de edição, revistas e tratadas para alcançar a coesão necessária ao sucesso de um projeto editorial.

Por fim, um último objetivo deste projeto é resolver os problemas descritos acima: acudir a certos valores através da ilustração e da narrativa que podem bem refletir o quotidiano, a cultura da Ilha do Pico e sentimentos variados.

3. Motivações

Enquanto mestranda em Estudos Editoriais, pretendo utilizar o potencial do processo editorial para participar na atualidade do mercado livreiro português e compreender todos os aspetos que integram a literatura infantojuvenil. O livro seria trabalhado como um formato para retratar a cultura açoriana – estes temas são já motivados a título pessoal sendo natural da Ilha

Terceira e também a partir de observações cuidadosas que pretendo expor, trazendo valor ao Arquipélago dos Açores e divulgando-o aos leitores.

Outra motivação é a própria escolha da tipologia de um livro ilustrado, de modo a utilizar as minhas capacidades artísticas.

II-Aplicação Prática

Conceção de um livro

1. Tema

O tema deste livro é a Ilha do Pico e as diferentes facetas da sua cultura.

2. Equipamento e Recursos

A disciplina de Gestão Editorial permitiu-me perceber que, para conceber este projeto editorial, serão necessários vários recursos materiais, de entre os quais os seguintes:

- Computador para o uso de *softwares* na conceção gráfica;
- *Software* Microsoft Word para a produção de conteúdo textual;
- *Software* Adobe InDesign para a conceção gráfica do livro no seu todo;
- *Software* Adobe Photoshop para a edição de ilustração;
- *Scanner* para digitalizar as ilustrações;
- Materiais de ilustração;
- Maquinaria e material para a impressão e montagem do livro.

3. Equipa

- Soraia Pedrosa, mestranda em Estudos Editoriais e coordenadora do projeto. Responsável pelo *design*, paginação e conceção gráfica do livro, pela recolha de informação e produção de conteúdo textual, pela produção de ilustrações e sua edição;
- Professor Doutor João Manuel Nunes Torrão, catedrático no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro e orientador do projeto;
- Professora Ana Margarida Ramos, professora auxiliar no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro e docente de Literatura Infantojuvenil na mesma, consultora;
- Doutor João Borges, Psicólogo Clínico da Saúde e professor universitário, consultor;
- Gabriel Pedrosa, mestre em Marketing. Responsável pela revisão do plano de marketing que acompanha o projeto e consultor dos processos técnicos e informáticos necessários;
- Vários amigos sem relação com a área editorial, para colher opiniões diferentes.

4. Calendário e metodologia

O projeto teve início em setembro de 2017, mês em que se definiram as metas do projeto, a metodologia e ainda a equipa de trabalho. Nesse mesmo mês e em outubro, foi produzido, revisto e editado todo o conteúdo visual e textual em virtude da planificação elaborada, seguido do início da paginação, que ficou concluída em novembro. Ao mesmo tempo, o relatório do projeto começou a ser redigido.

Em novembro e em janeiro de 2018, foram feitas impressões-teste para assim serem desenvolvidas revisões e alterações destinadas a aprimorar o projeto e materializar o *design* concebido. Em janeiro, o plano de marketing para inserção do livro no mercado começou a ser desenvolvido. Uma nova impressão-teste foi realizada em março, altura em que o relatório e o plano de marketing iam avançados e prestes a passar por revisões finais. Neste mês foram levadas a cabo alterações significativas quanto ao conceito do livro, sendo que o relatório foi renovado.

O plano de marketing, assim como variadas conclusões e reflexões, foi terminado e revisto em abril. No final deste mês e ao longo de maio foi preparada a apresentação do projeto, em junho.

5. Design

5.1. Tipologia

Este livro é um álbum ilustrado para o público infantojuvenil, apesar de se aproximar da tipologia *crossover*, que transcende a definição concreta de um público-alvo.

5.2. Conceito

O *design* escolhido procura seriedade e credibilidade, mas que cativa e conforte o seu leitor: logo, de um manuseamento fácil e suave. Em termos de *design*, é um desafio criar um álbum ilustrado que seja um entremeio entre a meninez e a sofisticação, sendo que a escolha de uma paleta de cores neutra, mas quente, corresponde a essa necessidade.

5.3. Formato/tamanho

Ao explorar o livro enquanto objeto estético, considerei originalmente que um tamanho pequeno refletiria a privacidade que o leitor pode querer em torno do livro. Geralmente, os álbuns ilustrados são grandes e de capa mole, tornando o objeto mais cativante para as crianças: destacam-se por exemplo *Praia-Mar* de 2011 (333 x 271 mm), ou ainda a reedição de *O Mundo num Segundo* em 2013 (270 x 270 mm), ambos pela Planeta Tangerina.

No entanto, era a minha ideia que o formato pequeno conferiria ao livro uma aura querida, que representaria um espaço pequeno e privado, mas que simultaneamente contém um grande espaço que é a Ilha do Pico e que assim se torna paradoxalmente portátil.

Assim, originalmente, o tamanho do livro era de 150 x 165 mm. Para perceber melhor qual o tamanho verdadeiramente adequado, percorri algumas livrarias para manusear vários livros de vários tamanhos e escolher as dimensões mais adequadas ao projeto: a que mais me inspirou e se aproximou dos meus objetivos para o meu projeto foi o formato original do livro *O Mundo num Segundo* publicado pela Planeta Tangerina em 2008 (150 x 150 mm). Outros livros cujo tamanho coincidia com o conceito que eu desenvolvia foi o *Se As Maçãs Tivessem Dentes* reeditado pela Bruáa em 2017, de formato 175 x 220mm, embora fosse retangular e orientado verticalmente, o que não acomodaria as ilustrações quadradas produzidas para o projeto, o seu peso e manuseamento correspondia ao que eu pretendia.

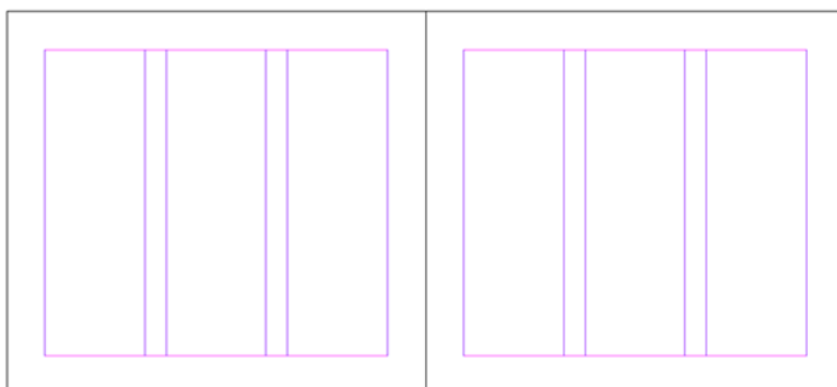
No entanto, as dimensões do meu projeto mudaram durante a segunda impressão-teste que fiz. Percebi que as ilustrações tinham o potencial de serem ampliadas e que, assim, o seu efeito no leitor seria muito melhor. A ideia de ter um livro pequeno que refletisse privacidade era apelativa e até teria alguma diferenciação no mercado atual, mas a verdade é que as ilustrações requeriam um suporte mais adequado e que o meu público de leitores preferiria um objeto mais lúdico e impressionante. Vários amigos a quem pedi opiniões concordaram, salientando até que um livro pequeno seria mais fácil de perder (por exemplo numa viagem).

Voltei novamente a manusear livros e a investigar diferentes tamanhos: finalmente, a coleção Montanha Encantada da Everest Editora inspirou-me pela simplicidade e charme com que a haviam editado: os livros eram leves, de tamanho médio e a capa maleável, e, se os orientasse horizontalmente, obtinha um bom suporte para as minhas ilustrações: 190 por 210 mm foi o formato final do livro.

5.4. Grelha

A grelha a aplicar é simplificada. Considerei não utilizar colunas, pois poderiam não ser necessárias dado haver apenas um elemento por página, mas decidi utilizar três colunas com uma goteira de 2p. As colunas auxiliam a arrumar as caixas de texto. Também as margens, todas de 1.5 cm, são irrelevantes visto que as ilustrações preenchem cada página inteiramente e que a caixa de texto nas páginas brancas é simplesmente centrado.

Ver Anexo 2: a grelha



5.5. Tipografia

A tipografia dividiu-se entre o corpo de texto e os títulos. A sua escolha integrou, claro, vários testes e tentativas. No entanto, procurei uma limitação quanto às famílias tipográficas a escolher dadas as várias advertências que colhi na disciplina de Design Editorial e que me sensibilizaram para a gestão do tempo no que toca a decisões editoriais. Estas advertências tinham a ver com a escolha de um pequeno número de famílias tipográficas de base, para que não se perca muito tempo a tomar a decisão de qual usar, dificultada pela variedade. Além disto, era crucial desde o início a escolha de tipos de letra gratuitos, para diminuir os custos de produção.

Para o corpo de texto pretendia-se algo que não fosse demasiado austero nem demasiado lúdico (assim combinando com o conceito do livro), mas, acima de tudo, pretendia-se simplicidade dada a presença das ilustrações, evitando assim poluição visual.

Foi testada a Minion Pro para o corpo de texto, mas dava-lhe um aspeto demasiado sério. A Sabon MT Std permaneceu durante algum tempo, sendo bastante popular entre quem pagina livros infantojuvenis, como me foi ensinado nas aulas de Design Editorial. Para o corpo de texto pretendia-se algo que não fosse demasiado austero nem demasiado lúdico, mas, acima de tudo, simplicidade, dada a presença das ilustrações, evitando assim poluição visual. No entanto, após as impressões-teste, verificou-se que este tipo de letra era demasiado sofisticado e adulto para um livro infantil. Não tinha, de facto, muita juventude.

Assim, consegui na internet um estilo de letra gratuito chamado “Please Write Me a Song”, pelo utilizador ByTheButterfly do sítio da internet www.fontspace.com. No entanto, para uma maior harmonia visual, algumas alterações foram feitas: a escala vertical foi reduzida para 90% e a horizontal aumentada para 110%; o *tracking*, sendo a expansão ou compressão de um bloco de texto, foi de 25, sendo assim expandido o texto.

O texto encaixa-se ao centro da grelha e é alinhado ao centro, sem qualquer uso de hifenização para facilitar a leitura às crianças, além de não contar com a indentação de parágrafos dada a escassez do texto. O tamanho passou por alguns testes, sempre crescendo até aos 16pt com entrelinha de 18pt. A página não contava senão com o texto, pelo que havia muito espaço, e o tamanho maior facilita a leitura às crianças. Ao ampliar o formato do livro, também o tamanho da letra mudou para corresponder: 36pt, com entrelinha de 48pt. Era importante que o texto não retirasse a atenção às ilustrações e que a mancha visual fosse limpa e simples. Nas duas ilustrações que seguem juntas e que tratam a geologia dos Açores, o tamanho de letra é já 30pt com entrelinha de 36pt, porque o texto está integrado na ilustração.

No pico do pico da Ilha do Pico há muitas coisas interessantes.

No pico do pico da Ilha do Pico há muitas coisas interessantes.

Figura 1: texto de 16pt versus texto de 30pt

Para os títulos, de modo a conseguir alguma diversidade na tipografia para um melhor efeito estético que enriquecesse o livro, foi usada a Bodoni MT, que evoca alguma mística e não descombina com o corpo de texto ou as ilustrações. Na mesma medida, a Tw Cent MT foi usada para o título do livro na capa, a cheio: revelando-se assim, depois de muitos ajustes de tamanho, o tipo de letra perfeita para ser colorida a azul e manter-se legível, tornando a capa mais apelativa. O seu tamanho foi aumentando até aos 46 pt, com entrelinha de 49pt.

Finalmente, foi utilizada a Minion Pro para o paratexto informativo quanto à autoria (tanto no interior como no exterior do livro) e à ficha técnica do livro, pelo seu aspeto sóbrio mas leve.

Nas disciplinas de Literatura Infantojuvenil e de Design Editorial, foi possível verificar a importância da mancha gráfica distribuída de modo equilibrado relativamente às ilustrações: era importante que não se criasse um sufoco visual e se mantivesse o equilíbrio.

Na impressão-teste final, a família tipográfica escolhida parecia algo séria e adulta para um livro infantil, mesmo que o seu tamanho fosse aumentado. Ainda assim, esta escolha refletia o conceito do livro e habituava os leitores infantis à tipografia característica de livros para idades mais avançadas, já sem imagens. Assim, quando aí chegassem, os leitores estariam familiarizados com essa estrutura e aceitá-la-iam mais facilmente. Esta marca visual característica dos livros adultos também aproxima o livro do género *crossover*.

Please Write Me a Song:

The quick brown fox jumped over the lazy dog.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 # & - ? !

Corpo de texto *Corpo de texto* Corpo de texto *Corpo de texto*

Bodoni MT:

The quick brown fox jumped over the lazy dog.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 # & - ? !

Corpo de texto *Corpo de texto* **Corpo de texto** *Corpo de texto*

Minion Pro:

The quick brown fox jumped over the lazy dog.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 # & - ? !

Corpo de texto *Corpo de texto* **Corpo de texto** *Corpo de texto*

Tw Cent MT:

The quick brown fox jumped over the lazy dog.

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 # & - ? !

Corpo de texto Corpo de texto Corpo de texto Corpo de texto

Figura 2: a tipografia utilizada no projeto

Houve ainda outras famílias tipográficas que foram consideradas: Adobe Kaiti Std R e Book Antiqua para o corpo de texto, e Berlin Sans FB para o título do livro na capa. Ao comparar, o efeito visual destas não era tão perfeito quanto o da tipografia selecionada, parecendo as letras esticadas na horizontal:

No pico do pico da Ilha do Pico, há golfinhos e baleias.

Ali vão alguns! Quantos consegues contar?

No pico do pico da Ilha do Pico, h á golfinhos e baleias.

Ali vão alguns! Quantos consegues contar?

Figura 3: corpo de texto com Please Write Me a Song versus com Adobe Kaiti Std R

NO PICO

DO PICO

DA ILHA DO PICO

NO PICO

DO PICO

DA ILHA DO PICO

Figura 4: título do livro na capa com Tw Cent MT versus com Berlin Sans FB

5.6. Caixas de texto

Originalmente, nas ilustrações em que se sobrepôs texto, foi necessário criar caixas para o tornar legível. De início, todas as caixas de texto eram de branco opaco, para criar equilíbrio visual com o branco das páginas sem ilustração. No entanto, foi testada uma caixa de texto ainda branca, mas translúcida. O resultado foi a adoção de ambas as variações consoante a ilustração.

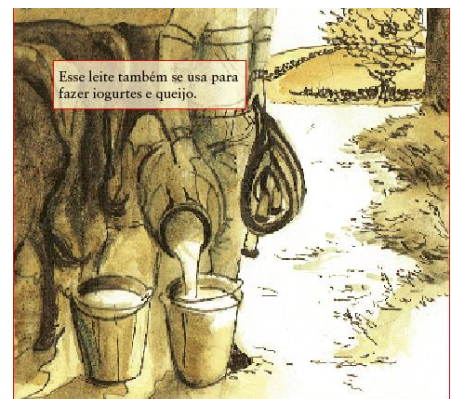
O posicionamento das caixas de texto foi pensado ao mesmo tempo que as ilustrações eram produzidas, devido à composição de cada uma: para esta fase do projeto, foi consultado regularmente o livro *Lire l'Album* de Sophie Van der Linden, que analisava as várias facetas do álbum ilustrado e as melhores maneiras de o montar para que se torne inteligente e interessante.

Na última ilustração, por ser muito escura, não se adotaria uma caixa de texto, por destoar, mas sim uma cor clara para o texto.

No entanto, integrar a caixa de texto na ilustração cortava o seu efeito e tornava a página visualmente poluída. As páginas brancas destinadas à maior parte do texto eram suficientemente espaçosas para o acolher, pelo que não fazia muito sentido sobrepor texto a desenho. Várias opiniões de amigos confirmaram que teria de ser tomada uma nova decisão: e assim, as caixas foram retiradas, ao mesmo tempo também que a família tipográfica escolhida mudou da Sabon Mt para a Please Write Me a Song. O efeito final foi muito satisfatório.

Ver Anexo 3: Caixa de texto opaca versus translúcida, tendo originalmente sido escolhida a opaca

Ver Anexo 4: Caixa de texto opaca versus translúcida, tendo originalmente sido escolhida a translúcida



1.1. Cor

A paleta de cores selecionada é dominada pelo uso de café como material principal na elaboração de aquarelas que constituem as ilustrações. Esta escolha do sépia, do dourado e branco & preto, sendo assim uma base quase monocromática, introduz uma neutralidade mais sofisticada, mas ainda quente, que revivifica mornamente os sentidos. O preto, nos seus vários tons, remete para a abundância de rochas vulcânicas como o basalto nos Açores, de cor escura.

Toda a mancha gráfica será a negro dada a página ou caixa de texto ser branca, mesmo que opaca ou translúcida, excetuando o texto que acompanha a última ilustração, que, dado ser escura e em tons de preto, permite um texto claro.

Assim, decidi incorporar alguma cor que não constasse de todo na paleta de cores base, para evitar uma monotonia visual. Há um brevíssimo uso de verde forte numa das ilustrações e no exterior do livro, o azul: é muito característica de todas as ilhas do Açores a hortênsia azul, pelo que decidi integrar essa cor. O contraste entre o azul e o café no registo artístico ajudou a alcançar as metas definidas para a capa, analisada abaixo.



Figura 5: paleta de cores selecionada

5.7. Capa, contracapa, guardas e lombada

A capa apoia-se numa ilustração que não só sintetize e represente os temas do livro de forma minimalista, mas que também seja apelativa e cativante: deve corresponder àquilo que o consumidor quer. Tratava-se então de um desafio conseguir produzir uma ilustração que cumprisse estes requisitos e que ainda fosse suficientemente misteriosa para atrair o consumidor e convidá-lo a folhear o livro. A diversidade de cores que tornassem a aparência do livro mais apelativa era também um aspeto importante, pelo que foi utilizado o azul das hortênsias características do Arquipélago dos Açores na ilustração e no título.

Foram elaboradas duas capas distintas, e a decisão entre ambas foi novamente renhida. Por um lado, a primeira representava o Pico e continha mais cor, mas a simples imagem de uma montanha parecia aborrecida para um livro infantojuvenil. A segunda capa capturava algumas sensações de bem-estar e o efeito artístico era melhor conseguido, mais genuíno. Assim, a

segunda capa foi a eleita, mas apenas durante algum tempo. Depois da segunda impressão-teste, foi reconsiderada: dado o livro, enquanto objeto, simplesmente não ter uma aura infantil, parecia demasiado sofisticada e não tinha cor suficiente. Era mais adequada, talvez, a ser a capa de um romance gráfico. Agora que a tipografia e o formato mudavam, também a capa exigia mais juventude e dinamismo.

Uma terceira capa foi elaborada depois de analisar várias ilustrações na *internet*. Percebi que sempre podia (e devia) representar a Ilha do Pico, e que o uso do café proporcionava na verdade a representação de um alvorecer para transmitir bem-estar e encanto. Conseguir isto levou várias tentativas.



Ver Anexo 5: as duas capas



Ver Anexo 6: a terceira e última capa

A contracapa foi desenvolvida de modo a ser mais minimalista, na tentativa de evitar que o exterior do livro fosse excessivamente pormenorizado e assim saturado. Ao tentar compor algum texto para sintetizar o livro na contracapa, percebi que não era necessário de todo. A escolha do castanho-escuro aproximava esta cor diretamente ao uso da linha e contorno pretos nas ilustrações, harmonizando o aspeto geral do livro, e trazia também sofisticação e mistério. Como a última ilustração retrata a noite e a contracapa vem no final, estabelece-se uma ligação cronológica.

O exterior do livro passou por uma importante decisão: capa maleável ou não? Recordando que um dos meus objetivos era explorar o livro enquanto objeto físico, foi importante

ponderar sobre esta questão. Enquanto a capa dura o torna mais sofisticado e profissional, a capa maleável confere ao livro acessibilidade. Ainda assim, uma capa maleável é mais fácil de estragar, e, tendo em conta que os leitores serão crianças, há a possibilidade de isso acontecer.

O livro *Praia-Mar*, da Planeta Tangerina, já mencionado, tem uma capa maleável que me agradou bastante por ser algo diferente da maioria dos livros infantis. Parece-me um livro mais lúdico e moderno, assim como a Coleção Montanha Encantada pela Everest Editora. Assim, decidi optar pela capa maleável, para misturar alguma atualidade no livro, para que não tivesse uma aura tão tradicional e antiga assim, mas também para afastar-me do livro cujo formato e tamanho mais inspirou o meu projeto editorial e que mais facilmente se tornaria num produto substituto, *O Mundo num Segundo*, também da Planeta Tangerina e aqui anteriormente mencionado.

Uma capa brilhante seria ideal e a minha ideia original, mas ser mate também teve um bom efeito, de genuinidade, ao materializar o mono do livro. Graças a estas decisões, o conceito do livro revelou-se bastante bem.

Quanto às guardas, foi empregue a mesma lógica do parágrafo anterior: as ilustrações já são detalhadas e prevalentes, assim como a capa, pelo que era necessário um *design* inteligente e discreto. Originalmente, foi feita a ilustração de um mapa a duas cores do arquipélago dos Açores. Considerou-se uma cor plana, o castanho, para que envolvesse o livro com mais calor. Também foi considerado o preto, para alguma sofisticação. No entanto, tornou-se necessária à coesão do livro que se incluísse um mapa para integrar a Ilha do Pico e reutilizar o azul. Esse mapa, no entanto, não trazia infantilidade ao livro, pelo contrário. Percebi, ao analisar as impressões-teste, que podia de facto relaxar quando à sofisticação que pretendia: no final, ela ainda lá estaria no traço das ilustrações.

Assim, recordando os inúmeros livros que folhee nas aulas de Literatura Infantojuvenil, decidi-me por guardas com uma textura inspirada em ondas, dado o tema ser tão influenciado pelo mar. Foi utilizado então azul, que também liga às tradicionais hortenses que já mencionei. O *design* das guardas foi desenhado à mão e complementado com o Adobe Photoshop. Trazem cor ao livro, necessária a torná-lo apelativo e a revitalizar o seu conceito, até mesmo modernizando-o consideravelmente.

O mapa do arquipélago foi mantido, seguindo-se ao rosto, por ser indispensável à contextualização da Ilha do Pico e ainda enriquecendo o livro em si.

Finalmente, a lombada foi destinada a ser bastante simples, baseando-se no aspeto da contracapa. Originalmente, nela constariam o título e a autoria, mas, ao tratar o mono com a gráfica que selecionei, decidi que a lombada não seria suficientemente grossa para ter esta informação, e que de facto não seria tão necessária assim já que consta na capa.

Apesar de ter criado uma editora e códigos ISBN e do Depósito Legal fictícios, eram destinados apenas a ter um exemplo de ficha técnica, pelo que decidi não os incluir na capa ou contracapa.

Figura 6: a lombada original

6. Produção e edição de texto

Na disciplina de Teoria do Texto, pude perceber que um enunciado pode ter formatos diferentes e que o livro pode captar vários deles: sendo então um enunciado um evento discursivo, comunicativo, e que pode ser capturado através de formatos como a produção oral ou textual. Pude também apurar a minha sensibilidade quanto às diversas variações da redação textual, nomeadamente que integra a literatura infantojuvenil dado a disciplina ser lecionada em conjunto com alunos do Departamento de Educação. Foi muito importante desenvolver um estilo de escrita tendo em conta os leitores-alvo deste livro, crianças na idade de frequência da primária. Segundo Mussio (2015, p.10), é a “(...) percepção/receção do interlocutor, fato que determinará a escolha do género. O locutor, deste modo, leva em conta como sua fala será recebida pelo destinatário, o grau informacional deste diante da situação, bem como as suas opiniões, convicções, preconceitos, seus conhecimentos, já que tudo isso interferirá na compreensão responsiva do enunciado a ser proferido.”

O texto foi redigido e revisto segundo o Acordo de 1990 e tendo atenção às áreas críticas da Língua Portuguesa, como apurei na disciplina de Revisão de Texto. A revisão do texto foi prolongada, para melhor conseguir a musicalidade do texto, que se apoia tanto na repetição da palavra “pico” que se verifica na expressão “o pico do pico da Ilha do Pico”, que é um auxiliar de memória para as crianças que decoram qual o ponto mais alto de Portugal e que deu origem ao título do projeto.

Numa versão inicial do texto, certas construções gramaticais não correspondiam à utilização-padrão da língua: por exemplo, quando as ilhas dos Açores “se dizem boa noite umas às outras” perdeu o “se”, tendo então o texto passado por novas revisões para eliminar vários pleonasmos.

O texto passou a ser inteiramente dirigido à segunda pessoa do singular, para o “abrir” aos leitores e o tornar mais interativo. Na parte referente à vida marinha no arquipélago, o texto anterior continha o seguinte: “Ali vão alguns! Consigo contar quatro!”, tendo sido alterado para “Ali vão alguns! Quantos consegues contar?”. A integração de uma pergunta convida os leitores mais novos a terem uma leitura mais participativa, oferecendo-lhes assim a liberdade de interpretarem pessoalmente o livro e chegarem a determinadas conclusões e opiniões sozinhos, sem que lhes sejam imediatamente dadas pelo texto. A solução foi então substituída pela interação.

Algumas escolhas de palavras foram sopesadas e por vezes alteradas, como é o exemplo da palavra “levar” no que toca aos bois, tendo sido procurado um termo regional que a

substituísse, mas sem efeito. Na referência à sereia, “dá à costa” foi substituído por “aparece” para criar alguma mística. A expressão “dizem que”, utilizada duas vezes na parte do folclore, reforça a presença dos piquenses e o contar de histórias, em vez de simplesmente alegar a existência de alguma lenda.

Quanto à ilustração das praias de areia preta, dados os grãos de areia açoriana serem de origem vulcânica, o texto original manteve-se: “Não há praias de areia branca, só de areia preta...”. Foi considerado retirar-se o óbvio, “Não há praias de areia branca”, mas decidiu-se que sublinhá-lo trazia mais sentido à mensagem.

O termo para os habitantes da Ilha do Pico também foi alterado de “piquenses” para “picarotos”. Ambos os termos estão corretos, mas parece haver uma preferência regional por “picoense” ou ainda “picaroto”, palavra esta que também parecia mais divertida de ler para as crianças. Qualquer termo que tivesse um sentido depreciativo não seria utilizado, mas esse não foi o caso.

Finalmente, o original “No pico do pico da Ilha do Pico, dizem haver uma bruxa que faz uma manteiga capaz de te dar a força de cem elefantes” foi alterado para “No pico do pico da Ilha do Pico, dizem haver uma bruxa que faz uma manteiga mágica que te dá a força de cem touros”. A construção frásica foi melhorada retirando-se o “capaz de”. Adicionou-se a palavra “mágica”, que traz misticismo e cor ao texto, mesmo que se repita na última oração da frase. Os elefantes pareciam um conceito demasiado exótico e pouco relacionado com a cultura, pelo que se trocou para um animal comum mas também um símbolo de força física, o touro.

Quanto à ficha técnica, decidi compor uma fictícia, para poder aplicar os conhecimentos que aprendi na disciplina de Revisão de Texto e Multimédia Editorial I quanto ao conteúdo das fichas técnicas. Assim, alguns dos seus elementos, como o nome da editora ou da gráfica, são fictícios. Ao examinar alguns livros infantojuvenis, pude verificar que a ficha técnica é muito curta comparada a livros de outros géneros, contendo apenas a informação mais crucial: decidi seguir essa tendência, por ser um livro tão simples. A autoria limitou-se ao meu próprio nome.

7. Produção e edição das ilustrações

Produzi as ilustrações a aguarela, utilizando como materiais café e acrílico negro. Utilizei técnicas variadas para conseguir a textura das pedras vulcânicas e ainda da areia da praia, recorrendo a esponjas e lenços de papel para texturizar a tinta ainda por secar. Já os contornos e linhas foram elaborados a nanquim.

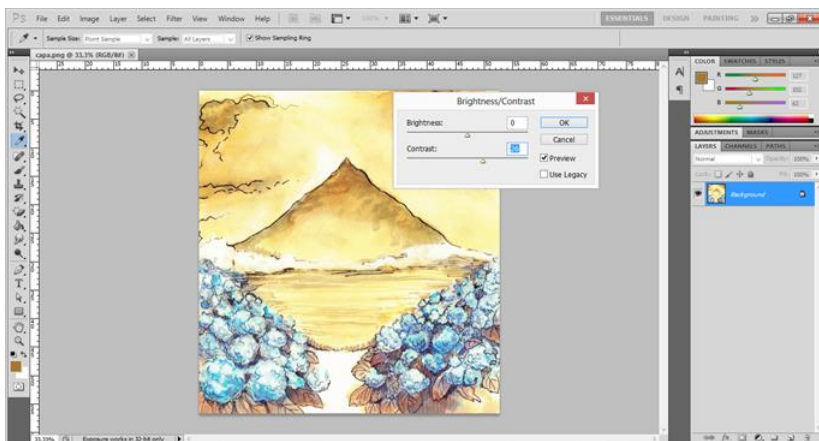
As ilustrações foram digitalizadas e de seguida editadas com o *software* Adobe Photoshop, tendo sempre em atenção uma resolução que garantia qualidade. Um aspeto importante a salientar é a visibilidade das linhas do lápis que não foram apagadas ou pequenos detalhes que mostram serem ilustrações feitas à mão: conferindo assim ao livro a genuinidade e charme que abordei na Fundamentação Teórica e que não se traduzem em ilustrações digitais.

Foi gerido o equilíbrio necessário entre as cores, a luz, a sombra e o contraste – competências desenvolvidas na disciplina de Multimédia Editorial I. Um exemplo desta edição no Photoshop foi a capa: pretendia que o azul das hortenses fosse mais garrido, pelo que as recortei e editei à parte através do uso de *layers*, colando-as de seguida sobre a ilustração original com cores mais suaves.

Através da manipulação do branco, escurecendo ou clareando-o, e com as variações conseguidas com a quantidade de café utilizada, as ilustrações capturam diferentes incidências de luz. Essa não só é uma característica da paisagem açoriana, dado o clima, como reflete as diferentes estações do ano. Este efeito foi então conseguido através da manipulação do contraste e da luminosidade, assim como dos valores das cores CMYK (que prefiro por ser um sistema subtrativo, ao contrário do sistema aditivo RGB).



Ver Anexo 7: produção de ilustrações à mão



Ver Anexo 8: edição de ilustrações no Photoshop



Ver Anexo 9: local fechado sem iluminação versus local fechado com iluminação



Ver Anexo 10: dia nublado versus dia de sol



Ver Anexo 11: dia de nevoeiro, com o horizonte esbatido

Tomei também a decisão de refazer a antepenúltima ilustração por ter uma qualidade mais fraca que as restantes, tendo menos textura e dimensão:



Ver Anexo 12: antes e depois

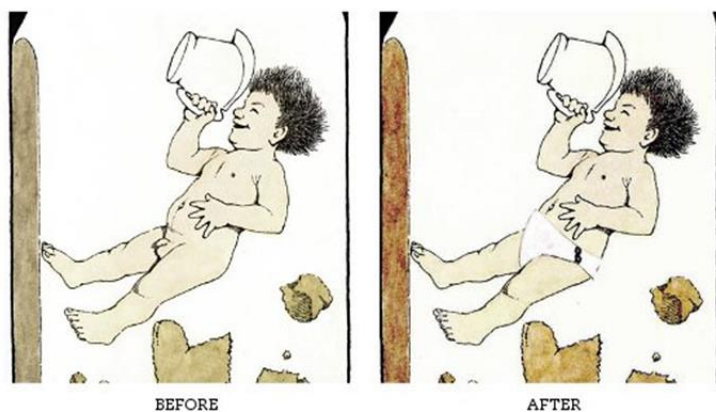
A penúltima ilustração, da sereia, também foi alterada. Inicialmente, decidi dispor alguma nudez no livro para o tornar parte do atual debate internacional sobre a inclusão ou não de nudez nos livros infantojuvenis e a censura ou não de seios na *mainstream media* e nas redes sociais como o Instagram, sendo que muitos movimentos ativistas consideram que não devem ser

excluídos, como não o são os masculinos, constituindo na atualidade um ponto importante no debate pelos direitos da mulher e da sua representação.

Segundo Faust (2017), “este é um desafio perante a ordem socialmente concebida da produção e consumismo de imagens na nossa cultural visual em geral. (...) Enquanto o movimento feminista aperfeiçoou o progresso na direção de igualdade social, ainda há um ideal e imagem particulares exercidos sobre o corpo da mulher.”¹

A minha intenção em abordar esta questão surgiu originalmente ao aperceber-me de dois livros que integram estes temas e que foram discutidos nas aulas de Literatura Infantojuvenil: *Cá em Casa Somos...*, de Isabel Minhós Martins e ilustrado por Madalena Matoso, publicado pela Planeta Tangerina em 2009, cuja versão portuguesa conta originalmente com a ilustração de uma mulher, a mãe, em topless. Os direitos deste livro foram vendidos no Reino Unido e esta ilustração foi censurada por meio da ilustração de um biquíni. O texto que a acompanhava, “Cá em casa somos (X número de) maminhas”, e que era indefeso e inocente, foi trocado para “barriguinhas”, do inglês “tummies”.

O outro livro que me incitou a abrir espaço para este tema no meu projeto foi um exemplo muito popular no que toca à censura da nudez nos livros infantojuvenis é o clássico *In the Night Kitchen*, de Maurice Sendak, publicado por Harper & Row em 1970. Segundo Rudd (2017, p.17), “(...) Maurice Sendak – controverso desde o verdadeiro início – tivera problemas de censura com a sua história etérea e psicanaliticamente rica, *In the Night Kitchen* (1970). Novamente, regressamos à nudez, com alguns bibliotecários pintando com corretor fraldas nos seus desenhos (...). Sendak, no entanto, não estava feliz; como o explicou: Os bibliotecários opuseram-se a *Night Kitchen* porque o rapaz estava nu. Disseram-me que não podia haver um pénis num livro para crianças; assusta-as (...).”²



Kitchen porque o rapaz estava nu. Disseram-me que não podia haver um pénis num livro para crianças; assusta-as (...).”²

Ver Anexo 13: *Night Kitchen* de Maurice Sendak censurado

Entrevistei o Dr. João

Borges, psicólogo clínico da saúde, sobre a representação da nudez tanto dos adultos como das crianças na literatura infantojuvenil. Pela sua explicação, esta representação é claramente

¹ Traduzido do original: “This is a challenge towards the conceived social order of image production and consumption in our general visual culture. (...) while the feminist movement has improved the progression towards social equality, there is still a particular ideal and image exerted over a woman’s body.”

² Traduzido do original: “(...) Maurice Sendak – controversial from the beginning – had run into censorship problems with his dreamlike, psychoanalytically rich story, *In the Night Kitchen* (1970). Again, we are back with nudity, with some librarians, reputedly, tippexing diapers on him. (...) Sendak, though, was not amused; as he put it: Librarians objected to *Night Kitchen* because the boy is nude. They told me you can’t have a penis in a book for children; it frightens them. (...)”.

inocente, como sempre o deve ser nos livros infantojuvenis, tratando a nudez educativamente e com naturalidade e deixando a criança explorar a sua curiosidade de forma segura, ensinando que não tem de ser necessariamente lesiva. Além disso, muitas vezes a nudez caracteriza-se ou como sensual ou como inocente apenas através da pose da personagem. No caso d'*O Pico do Pico na Ilha do Pico* e também de *Cá em Casa Somos...*, as personagens em questão têm poses relaxadas e libertas, sem, como é óbvio, qualquer conotação erótica. O Dr. João salientou ainda que, apesar de as crianças ainda deterem alguma proximidade à amamentação (especialmente se tiverem irmãos mais novos) e pensarem neste tema com normalidade, a sereia é uma figura mítica e não totalmente uma mulher verdadeira, o que cria alguma distância quanto ao assunto.

Ainda assim, podemos averiguar que esta questão é sobre como o conhecimento sexual deve ser regulado. Na maioria dos casos, é uma questão cultural: em que os exemplos que apresentei diferem de culturas abertas a temas maduros e considerados como adultos, como a portuguesa e a francesa, para culturas tradicionalmente puritanas como a americana e a anglo-saxónica. É interessante observar isto através do mundo da edição com a venda de direitos entre editoras estrangeiras e da reedição dos livros infantojuvenis em si (como é o exemplo já abordado de *Cá em Casa Somos...*) ou socialmente através das leis de cada país quanto ao topless (permitido apenas em 13 estados dos EUA). Estas conclusões são, no entanto, generalizações que dificilmente se podem confirmar: certos modelos de comparação de culturas bastante reconhecidos, como por exemplo o Modelo Hofstede, não incluem esta dimensão cultural para analisar. Ainda assim, futuramente, teria interesse em conduzir um estudo que reúna uma amostra de livros ilustrados de nacionalidades diferentes que incluam estes temas, tendo ou não sido reeditados/censurados. O Dr. João adiantou que para compor esta amostra podia recorrer a temas comuns nos livros infantojuvenis que lidam de perto com a nudez de forma educativa: a hora do banho e a amamentação.

Neste pequena investigação, pretendo excluir os livros especificamente instrutivos sobre a puberdade ou a reprodução, porque estes têm como objetivo abordar diretamente a nudez e explicar as suas variantes em vez de a integrar sem um contexto tão característico quanto isso. Neste caso, a exposição de seios limita-se ao esclarecimento educativos quanto a relações sexuais, crescimento ou amamentação – o que não integra de facto um debate atual na sua representação na literatura ilustrada para crianças.

No entanto, percebi que esta questão na ilustração da sereia se tornara demasiado chamativa e captava automaticamente o olhar, roubando a atenção prestada ao resto. Decidi então atenuar a composição para que não fosse tão óbvia. O resultado final, mais moderado, não retirava o assunto, mas integrava-o com mais subtilidade em vez de o destacar ou de o tornar desafiante – podendo até mesmo tratar-se, afirmou o Dr. João, de uma deixa para os

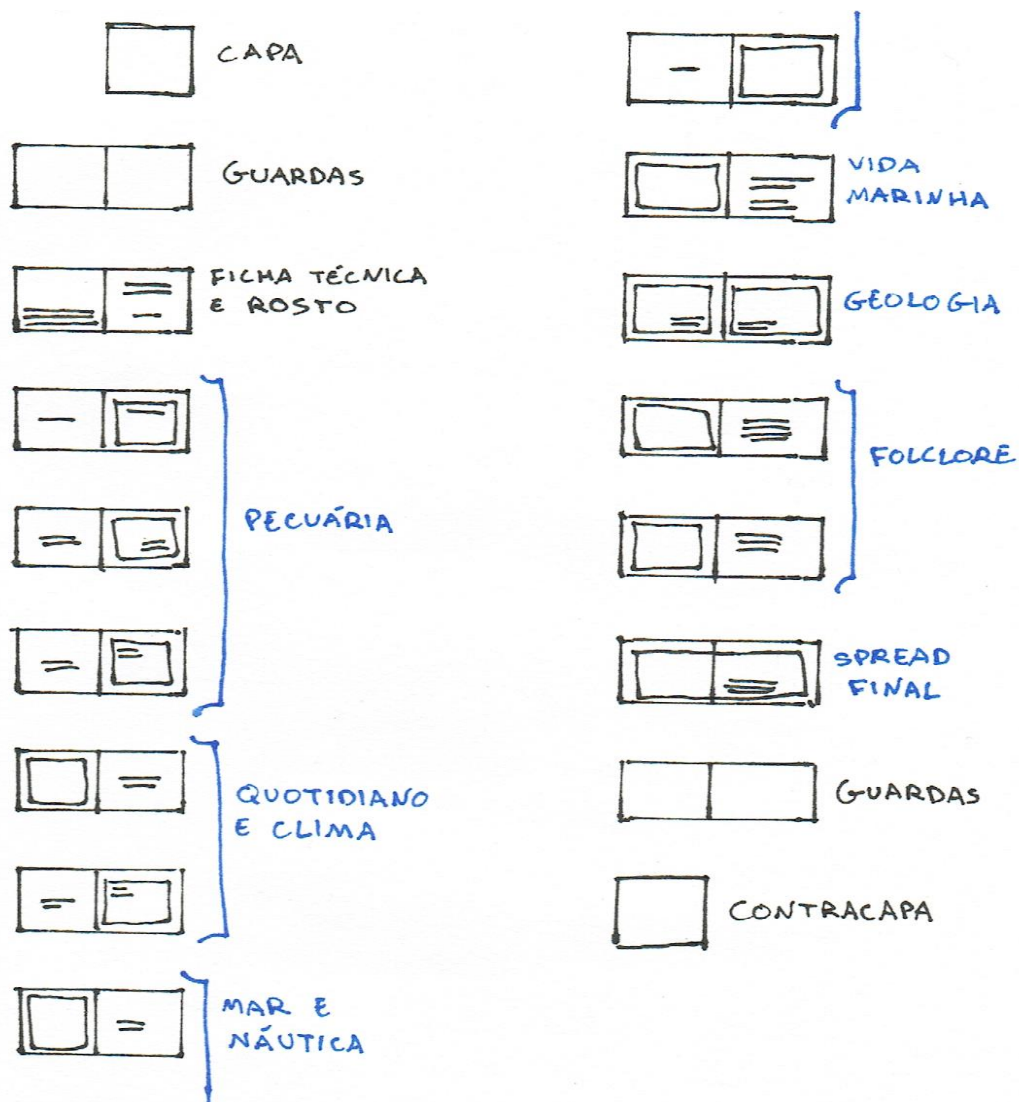
encarregados de educação o abordarem. Nesta medida, é um aspeto que empurra a tipologia do livro para o *crossover*.



Ver Anexo 14: sereia antes e depois

8. Paginação

Foi desenhado o seguinte plano para a paginação: figura 7, paginação.



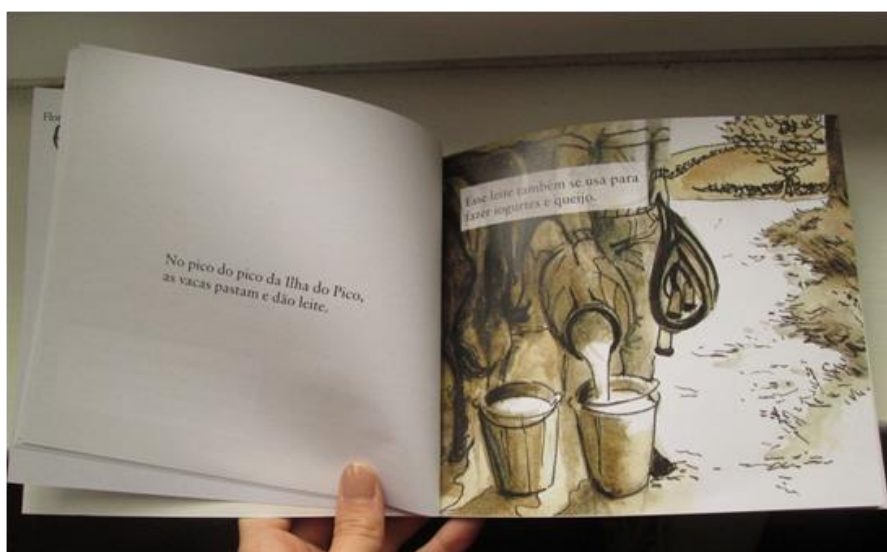
9. Impressões-teste, impressão final e acabamento

As impressões-teste permitiram-me entrar em contacto com algumas gráficas, tendo avaliado os hábitos de trabalho de cada uma e também os orçamentos distintos. Visto que a área profissional editorial abrange a produção gráfica de cada produto, a sua impressão final, tratou-se de uma fase do projeto realmente interessante. Também me permitiu confirmar que recursos humanos e físicos diferentes pertencem ao processo editorial, e a relação íntima e o entendimento que têm entre eles: pessoalmente, verifiquei que os funcionários das gráficas não disponibilizam a atenção necessária nem fazem perguntas aos clientes que trazem projetos mais elaborados: esta questão seria uma grande limitação à autopublicação do livro e à sua distribuição pelo autor.

Duas impressões foram levadas a cabo. A primeira foi feita em novembro e em papel normal, tendo obviamente ainda muitas revisões por fazer. O objetivo era testar o tamanho do livro, além da coexistência das páginas. Foi nesta fase possível discernir vários detalhes a serem melhorados: a penúltima ilustração não tinha qualidade suficiente e teria de ser substituída; pleonasmos no texto; contraste entre caixas de texto opacas e translúcidas; a caixa de texto no *spread* final, que foi nesta altura removida; leves fragilidades no texto como as palavras “elefantes” e “piquenses”, que foram substituídas depois desta fase.

A segunda impressão-teste foi feita em fevereiro, já supostamente no final de todas as revisões e decisões quanto ao miolo, capa e contracapa, e utilizando o papel pretendido para o produto final, mais grosso. Apesar de esta fase ser já bastante avançada, o efeito do livro não estava à altura do que eu tinha aprendido ao longo de tantas disciplinas deste mestrado. Pareceu-me, e a quem deixei folhear o mono que produzira, que conseguiria algo melhor com uma edição mais extensa e criativa do meu projeto e algumas revisões do que aprendera.

Assim, foi após a segunda impressão e graças a esta que bastantes decisões foram repensadas e que o livro se metamorfoseou em aspeto, forma e conceito, resultando no mono final.



Anexo 15:
impressões-teste

10. Plano de marketing para inserção do produto no mercado infantojuvenil

Para a elaboração do plano de marketing foi elaborado um método de 3 etapas. Estas etapas são (1) a análise do mercado e situação competitiva, (2) definição da estratégia, (3) controlo.

10.1 (1) Análise do mercado e situação competitiva

O segmento de literatura infantojuvenil foi o que menos sofreu com a crise económica de 2008. Segundo Ramos (2015, p.212), “Nos últimos anos, em resultado de vários fatores, alguns claramente afastados do domínio literário, como a implementação do Plano Nacional de Leitura ou o investimento nas redes nacionais de Bibliotecas, públicas e escolares, a edição para crianças e jovens sofreu um estímulo considerável, tanto em termos de obras originais, como de traduções de publicações estrangeiras (...). E ainda que a recente crise económica e social se faça sentir com especial relevo no mercado editorial, a verdade é que este segmento editorial tem sido aquele que melhor tem resistido às abruptas quedas nas vendas de livros.”

O consumo de livros infantojuvenis no mercado português é então consistente, embora tenha conhecido um decréscimo com a popularização de meios de entretenimento tecnológicos como a *tablet* e o telemóvel.

Para complementar a análise do mercado, foi aplicado o modelo das 5 forças de Porter. Na tabela 1, são descritas as cinco forças aplicadas ao caso em questão, sendo estas: o poder de negociação dos clientes; dos fornecedores; a intensidade concorrencial; os produtos substitutos; e a ameaça de novos concorrentes.

Tabela 1 – Aplicação do modelo de 5 forças de Porter

Força	Descrição	Apreciação
Poder de negociação dos clientes	Os clientes do segmento de literatura infantil podem escolher de entre centenas de publicações e canais de distribuição, o que torna o seu poder de negociação muito elevado. No entanto, este é moderado, dadas as três seguintes perspetivas: acesso a vários canais de distribuição também cria poder de negociação; no entanto, se procuram um livro sobre a cultura portuguesa, o seu poder de negociação desce significativamente; se procuram um livro sobre a cultura açoriana, o seu poder de negociação é praticamente nulo.	Moderado

Poder de negociação dos fornecedores	<p>A produção deste livro tem custos muito baixos, o que reduz o poder de negociação dos fornecedores significativamente.</p> <p>Os fornecedores também são a distribuição. A gráfica é um fornecedor de serviço</p>	Baixo
Intensidade concorrencial	<p>A intensidade concorrencial no mercado do livro infantil nacional é muito alta. A arte é acessível a um maior número de pessoas, autodatas ou formados, sendo que a quantidade de artistas e autores é elevada: logo, é mais difícil a diferenciação que permita singrar. As novas tecnologias permitem também que menos recursos sejam utilizados na produção de um livro, reduzindo os custos e o preço final do produto.</p> <p>A quantidade de livros infantis já existentes é alta, a concorrência é então elevada.</p>	Elevado
Produtos substitutos	<p>Os produtos substitutos são os que retratam a cultura portuguesa atual: <i>Praia-Mar</i>, de 2011; brevemente em <i>O Mundo num Segundo</i>, de 2008; e ainda em <i>O Que Vês Dessa Janela?</i>, de 2011, todos pela Planeta Tangerina. Ainda são produtos substitutos os livros <i>Viagem às Terras de Portugal</i>, de 2011, pela Peirópolis; e <i>Clara na Ilha Terceira, Açores</i>, de 2006, pela Gailivro.</p> <p>Indiretamente, qualquer livro infantil pode ser um produto substituto deste.</p>	Baixo
Ameaça de novos concorrentes	<p>Enquanto materiais de entretenimento para o público infantil, o uso popularizado de <i>tablets</i>, telemóveis e computadores concorre com os livros em si. No entanto, nenhum destes substituiu ainda o livro infantojuvenil, que se tem tornado cada vez mais inovador e inteligente.</p>	Baixo

10.2 SWOT

A análise SWOT é uma ferramenta de apoio crucial à elaboração das estratégias a implementar. Esta destina-se à análise de pontos fortes e fracos (indicadores internos), oportunidades e ameaças (indicadores externos) que se encontra no mercado e a partir dos quais se elabora um plano estratégico com determinados objetivos. A tabela 2 apresenta a análise SWOT do projeto. Os pontos referentes às componentes exteriores (oportunidades e ameaças) foram identificados através da análise do mercado infantojuvenil português conduzido acima.

Tabela 2 – Análise SWOT

<p>Pontos fortes</p> <ul style="list-style-type: none"> • Produto representativo da cultura açoriana; • Produto genuíno e pessoal; • Valor estético; • Custos reduzidos; • Poucos recursos necessários no desenvolvimento do livro • Renovação do segmento 	<p>Pontos fracos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Falta de renome/fama; • Inovador (não segue uma linha editorial já existente) • Segmento de tamanho reduzido (quando comparando ao segmento adulto)
<p>Oportunidades</p> <ul style="list-style-type: none"> • Consumidores a recuperarem poder económico; • Educação como prioridade; • Onda literária infantojuvenil; • Portugal em voga. 	<p>Ameaças</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tecnologias substituem os livros; • Competição elevada. • Forte notoriedade dos concorrentes

10.3 (2) Definição da estratégia

Com o apoio do conhecimento descrito acima, segue-se o desenvolvimento de uma estratégia para a comercialização e comunicação do *Pico do Pico da Ilha do Pico*. A estratégia foi construída utilizando a estrutura dos 5Ps. Os 5Ps são uma ferramenta de auxílio na construção da estratégia/marketing-mix, que é aplicada após a aquisição de conhecimentos sobre o produto e o seu mercado, tendo em conta que objetivos foram estabelecidos. A primeira versão, conhecida por 4Ps (que apresentava as vertentes preço, produto, etc.) foi melhorada ao longo das últimas décadas por vários especialistas para incluir mais vertentes do marketing-mix, existindo presentemente versões de 5, 7 e até 8 Ps.

Para o projeto, o modelo de 5Ps foi então selecionado, sendo cada componente descrita em seguida:

Preço

“De todas as variáveis do Marketing-Mix, o preço é o mais inconstante: dado que pode ser alterado a qualquer momento, por interesse da empresa ou necessidades de ajustamento ao mercado (...)” (2012, p109). O preço é extremamente influenciável pelos custos, pela concorrência e pela procura, sendo que deve ser estabelecido com o maior cuidado.

O preço atribuído ao produto seria de 10€. Os custos de produção deste livro são tão baixos que permitem esse retorno. O preço em média dos livros infantis ultrapassa os 10€ e aproxima-se dos 30€: foi feita uma amostra em janeiro de 2018 na livraria Bertrand, onde se observou que cerca de 90% dos livros presentes tinha um preço entre os 10€ e os 30€. O preço relativamente baixo deste livro seria uma grande vantagem face à elevada concorrência, tendo principalmente em conta o seu alto valor estético que é geralmente uma característica apenas dos livros mais caros e de maior qualidade: argumenta-se assim que o consumidor (o principal agente da procura) estaria disposto a pagar 10€.

Sendo o preço um fator de grande importância no retorno, pois “(...) o preço é o único elemento do marketing-mix que produz receita(...)” (2012, p109), e tendo em conta a eficácia que este plano de marketing viria a ter no que toca a diferenciação e divulgação, a margem de lucro seria suficiente para cumprir um objetivo de sobrevivência: assegurar o futuro da comercialização do livro. Com o sucesso do negócio, poder-se-ia aumentar gradualmente o preço do produto.

Posicionamento

O posicionamento (também referido na literatura como “distribuição”) coloca a questão de onde o cliente procura o produto: ou seja, nas livrarias. No entanto, é onde os concorrentes também estão mais presentes e estabelecidos.

Em Portugal, graças à singularidade do livro no que toca ao tema, é possível que *No Pico do Pico da Ilha do Pico* obtivesse lucro e popularidade ao ser vendido na internet, possivelmente através de um blogue (se a promoção for suficientemente eficaz) ou até mesmo do Facebook™.

Outros canais seriam livrarias (das independentes, como a Letras e Livros, às grandes cadeias como a Fnac e a Bertrand), sendo que todas hoje em dia dispõem de venda *online*; livrarias das escolas ou até hospitais; creches e ATLs; centros de educação científica e cultural; museus e monumentos; lojas de recordações; aeroportos e estações de comboios; centros de turismo; bibliotecas municipais; e até mesmo companhias aéreas como a SATA, que é tradicionalmente associada aos Açores.

No estrangeiro, também é possível encontrar potenciais clientes, como as comunidades das ilhas que emigraram para os EUA ou no Canadá. Estas apresentam zonas de maior concentração, um elevado poder de compra e, nomeadamente, uma forte ligação às suas origens portuguesas e a necessidade de as divulgar aos seus filhos nascidos no estrangeiro.

Produto

“Podemos definir um produto como tudo aquilo que pode ser oferecido a um mercado, para aquisição ou consumo (objetivos físicos, serviços, personalidade, lugares, organizações, ideias...), capaz de satisfazer uma necessidade ou, mais importante, um desejo.” (2012, p.100).

O produto diferencia-se através da representação da cultura açoriana, ilustrações feitas à mão e com café como material inusual e um peluche de golfinho que acompanha a leitura. Este trata-se de um produto de escolha, ou seja, um produto que o consumidor compara com outros em termos de qualidade e preço.

Também entra em conta com o segmento de cliente: infantojuvenil português, entre os 6 e os 10 anos, frequentando o ensino básico e, assim, iniciantes na aprendizagem da leitura. Este segmento de idades é o mais comum a ser aplicado aos livros infantojuvenis.

Este produto tem 32 páginas, contando com as guardas, um tamanho de 190 por 210 mm, uma capa maleável, folhas foscas, e não é particularmente resistente a estragos. Seria produzido na Gráfica X, uma gráfica fictícia para tornar o projeto coeso.

Para tornar o livro mais apelativo para o público infantil, seria interessante a oferta, no âmbito de um *press release*, de um pequeno golfinho de peluche para acompanhar a leitura. Esta adição é imediatamente uma mais-valia para a aquisição do livro. O peluche seria feito à mão por voluntários, assim sem influenciar o preço ou os custos, excetuando no entanto os custos de distribuição por ocupar mais espaço na logística.

Promoção

A promoção “(...) cria notoriedade para novos bens e serviços (...)” (1992, p.433). Com novos produtos, a promoção (também referida na literatura como comunicação) explica o produto de forma favorável de modo a que os consumidores possam desenvolver a necessidade e o desejo de o adquirir. Trata-se, pois, de uma fase importante, que toma lugar ainda antes da comercialização em si. Vários mecanismos são levados a cabo para estabelecer uma imagem agradável e entusiasmante e assegurar a sua promoção e sobrevivência.

As estratégias de promoção escolhidas para atingir os objetivos do produto estão divididas em duas partes. A primeira parte inclui as estratégias que não apresentam obstáculos à sua realização imediata num panorama realista. A segunda parte abrange as estratégias que são de facto ideias para a promoção do livro, mas que trazem dificuldades que impedem a sua concretização.

Parte 1:

- *Booktrailer*: um pequeno vídeo promotor do livro que permite a sua divulgação mais rápida e estável através da internet e das redes sociais. Tem a duração de 20 segundos, sendo as ilustrações que se sucedem demasiado rapidamente para serem analisadas e o vídeo adequadamente curto para suscitar a curiosidade de folhear o livro. Seria publicado na plataforma Youtube™. Foram utilizadas algumas das ilustrações originais e a música “Viva!” de Sam the Kid, que foi produzida a partir de música do guitarrista de fado Carlos Paredes – esta fusão do tradicional e do moderno representa perfeitamente o livro e é apelativa;

- Redes sociais: o Facebook™, o Youtube™ e o Twitter™ são boas plataformas para a divulgação do livro, através do *booktrailer*, de folhetos *online* e de opiniões e comentários;
- Festas regionais/culturais: estes eventos festivos espalhados pelo país e geralmente frequentados por crianças podem facilmente contar com um balcão de venda do livro, especialmente no arquipélago. Seria fácil contactar o comité de organização destes eventos, por serem próximos do público, e conseguir um balcão por um preço baixo ou até sem custos;
- PortugueseKids, um popular canal humorístico do sítio da internet youtube, foi construído por emigrantes açorianos nos EUA. Com o seu recente aumento no número de visualizações dos vídeos, os PortugueseKids adotaram os contornos de uma empresa e começaram a promover-se como guias para os turistas que visitam os Açores e a vender *merchandising*, como t-shirts e posters. Este é um excelente veículo para a divulgação d'O *Pico do Pico da Ilha do Pico*. Seria fácil contactar esta equipa e conseguir promoção sem custos, talvez em troca de publicidade ao canal na contracapa do livro, pela sua proximidade ao público e o seu interesse em promover o arquipélago.

Parte 2:

- Feiras do livro: seriam ideias pelo elevado número de pessoas que as visita. Sugere-se um balcão bem decorado com hortensias e cafés para quem o vem investigar. No entanto, seria extremamente difícil contactar a organização de qualquer feira do livro que fosse bastante concorrida e conseguir um lugar, que geralmente são comprados com muita antecedência pelas editoras, e a preços elevados. Uma alternativa seria levar o livro às feiras ao abrigo de uma editora que tivesse uma presença regular nestes eventos.
- Aeroportos: um press release levado a cabo nos aeroportos e aerogares dos Açores e até do Arquipélago da Madeira. O número elevado de pessoas portuguesas ou estrangeiras que passam por estes sítios seria extremamente adequado a uma divulgação extensa do livro: muitos passageiros, mesmo sem filhos, poderiam estar interessados em comprar o livro para crianças que conheçam ou simplesmente levá-lo como uma recordação da sua viagem. No entanto, é praticamente impossível concretizar tal projeto, pois as entidades reguladoras dos aeroportos dos Açores não estão abertas a projetos de pequenas dimensões e sem possível retorno. Refiro-me a ANA – Aeroportos de Portugal, SA e a SATA Aeródromos, SA. O Governo Regional dos Açores gere a Aerogare Civil das Lajes, que talvez aceitasse promover o livro pelo interesse do governo regional açoriano em promover a sua cultura.

Pessoas

O 5º P do marketing-mix seriam as pessoas por detrás do produto, no qual investem consoante os seus talentos, formação e experiência profissional. Uma equipa variada, oferecendo um leque de recursos humanos capazes tanto de criatividade e pensamento abstrato como de rigorosidade e pensamento concreto, é necessária para alcançar a qualidade do produto e assegurar o seu sucesso no mercado. Ainda assim, uma equipa com competências diversas não tem de ser obrigatoriamente uma equipa grande: pode não ser possível cobrir os custos de um número de recursos humanos elevado.

Nesta medida, segue-se um exemplo de um conjunto de figuras que considero adequado ao desenvolvimento deste projeto editorial:

- Autor e ilustrador: artista que domine *softwares* de edição e possua um estilo de escrita adequado e treinado. Uma pessoa criativa pode produzir e editar/rever as ilustrações e o texto, tendo assim uma maior compreensão da interação entre os dois;
- Gestor de projeto: o líder do projeto, que gere todos os recursos. Elabora um plano e determina prazos, necessidades e soluções. Gere os membros da equipa e toma decisões quanto a subcontratação;
- Assistente: presta apoio aos restantes e encarrega-se da comunicação entre estes. Agenda reuniões e gere *e-mails* e telefonemas. Presta-se a estar atento a quaisquer falhas que passem despercebidas;
- Editor: aprova ou não o produto final, com base na sua experiência e nos objetivos que tem para a sua editora, permitindo que esta produza o livro. Dentro da editora, há que haver figuras como um Gestor de comercialização: elabora um plano de marketing consoante os objetivos do projeto, que ele próprio ajuda a estabelecer. Tem um conhecimento abrangente do mercado e dos consumidores, que analisa. Cria estratégias para assegurar o sucesso do projeto.

No caso do projeto editorial em questão, encarnei estas cinco figuras eu própria. Isto trouxe limitações no que toca à quantidade de trabalho a desempenhar, mas também alguma liberdade quanto às decisões que queria tomar. Nomeadamente, trouxe a possibilidade de aprender sobre cada posição para que, no futuro, melhor compreenda as interações entre cada uma ou as possa desempenhar simultaneamente.

10.4 (3) Controlo/Indicadores de desempenho

Um dos objetivos que se pretende atingir é a popularidade do produto e a sua disseminação pelo público-alvo. A definição dos objetivos deve ser feita após a quantificação do mercado potencial e a aplicação de modelos económicos de previsão de compra. Como um

estudo de mercado de cariz quantitativo ultrapassa o âmbito deste projeto, proponho apenas possíveis indicadores que podem ser utilizados no processo de acompanhamento do livro enquanto produto após a implementação do plano de marketing. São assim propostos três indicadores globais:

1. Número de Vendas: este indicador é o mais simples de acompanhar. Pode ser comparado com valores de vendas da editora ou dos canais de vendas, comparando com os dos livros da mesma área e obtendo dados por regiões ou cidades. Ao serem definidos objetivos baseados no volume de vendas, é possível perceber como o produto se desenvolve ao longo da sua vida útil. Este indicador permite ainda analisar a sua receção pelos leitores e a captação de interesse pelas pessoas que os rodeiam (pais, professores, etc);
2. Presença: este indicador representa a presença do livro em locais onde se espera que seja lido ou vendido e não apenas as livrarias. Incluem-se aqui os pontos referidos anteriormente, como as bibliotecas. Por exemplo, a equipa responsável pelo projeto pode definir como objetivo ter este livro em 80% das bibliotecas escolares de primárias a nível nacional. Também a presença em feiras do livro ou outros pontos de venda fora do canal editorial pode ser utilizada como indicador;
3. Concorrentes diretos: analisar periodicamente os concorrentes permite detetar novos livros que concorram diretamente com o livro, ou seja, livros direcionados ao mercado infanto-juvenil sobre os Açores (por exemplo, a Madeira). Este acompanhamento é valioso, não apenas para responder às ações de marketing do concorrente, mas também para o estudar e desenvolver uma nova edição ou livro que conquiste mais mercado.

III – Conclusão

1. Desenvolvimentos futuros

No âmbito da vida futura deste projeto editorial, distingo várias hipóteses. A mais provável é a sua publicação junto de uma editora. Conhecendo o catálogo da editora portuguesa Bruáa, que é caracterizado pela diversidade dos autores e artistas que representa e ainda coexistência de autores tanto antigos como modernos, creio que *No Pico do Pico da Ilha do Pico* se integraria perfeitamente. A partir da sua admissão, o projeto poderia beneficiar de mais vozes e talentos, assim como de mais experiência profissional. Considero que pouco ainda possa ser feito pelo projeto em si, por ter passado por tantos formatos, mas deve ser recordado que o mundo da edição está sempre a desenvolver-se e que talvez no future nos aguardem novas configurações, tipologias, ideias e públicos-alvo.

Nesta medida, seria ideal também considerar o mercado livreiro estrangeiro para divulgar *No Pico do Pico da Ilha do Pico* e a cultura açoriana e portuguesa. A Feira do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha é o sítio perfeito para isso acontecer, recebendo com certeza a refrescada atenção que também Portugal está a receber turística, cultural e até editorialmente. Sob a alçada de uma editora, este projeto conseguiria um lugar de destaque, se bem pensado em termos de posicionamento e apresentação, para que nele reparassem outras editoras. Ao vender os seus direitos a um nível internacional, novas edições e novos formatos seriam certamente desenvolvidos. Ainda assim, gostaria que um livro sobre Portugal fosse também editado e produzido nesse mesmo país.

A Planeta Tangerina, a Pato Lógico ou a Tcharan poderiam constituir também boas editoras para a publicação *mainstream* e tradicional deste projeto, mas as suas linhas editoriais têm um aspeto bastante contemporâneo e acompanham um *design* mais colorido e simples do que as ilustrações *do Pico* podem oferecer. Considero que a Porto Editora e o Grupo Leya são grupos estruturados para a produção de livros em massa, sem que se preste muita atenção à sua qualidade e individualidade, dois aspetos que são mandatários no conceito deste livro. Finalmente, as editoras de livros infantojuvenis portuguesas que exibem uma linha mais diversa e que pode acolher as ilustrações à mão *do Pico* são a Bruáa ou, mais preferencialmente pelo seu estilo amigo da velha guarda, a Trinta Por Uma Linha. Esta última publica livros infantojuvenis que promovem a cultura e a tradição, bem como a estética, uma das principais marcas do livro. Os seus livros têm um aspeto feito à mão e traços belos e nostálgicos, pelo que este projeto se ia integrar bem nesta linha editorial.

Além disto, outra hipótese seria produzir livros que acompanhassem este numa coleção cujo tema seria a vida numa ilha. À Ilha do Pico poderiam juntar-se as outras ilhas dos Açores, que são conhecidas pela designação de cores. A paleta de cores do Pico, sendo o amarelado do café, encontraria uma paleta verde para a Terceira (a cor representativa dos seus prados verdes) e ainda uma azul para a Sta. Maria (conhecidas pelas suas hortênsias azuis). Esta ideia provém da coleção original de contos da autoria de Beatrix Potter, publicados pela Frederick Warne & Co, em

que os livros são iguais em formato, tamanho e leitmotiv, mas apresentando cores diferentes para um enriquecimento estético infantil. O produto final é encantador mas simples, o que seria o objetivo do conceito de uma coleção de livrinhos sobre a cultura local de cada ilha.

O desenvolvimento de uma linha editorial, de uma coleção, teria bastante mérito e seria muito interessante. O crescente interesse por viajar e por apresentar ao público infantil novas culturas seriam uma base sólida para o seu sucesso económico.

A nível pessoal, conto como desenvolvimento futuro frequentar *workshops* de *design* e de tipografia para aprofundar os meus conhecimentos, dado serem componentes fundamentais e extremamente vastos da edição. Creio que, apesar da intensiva aprendizagem sobre estas matérias ao longo do mestrado, há ainda muito sobre o qual ler, aprender e refletir. Pretendo alargar assim os meus horizontes da produção gráfica.

2. Limitações

As limitações com que me deparei ao longo do desenvolvimento deste projeto foram várias.

No que toca a obter opiniões diferentes, creio ter sido complicado entender qual delas seguir, qual a mais correta. No início, não senti vontade de deixar outras pessoas senão o meu orientador e alguns professores folhearem o meu projeto. No entanto, ao mostrá-lo a uma pessoa que não se relacionava de todo com a área editorial, mas que era antes um simples consumidor de temperamento paternal, percebi que muitos detalhes eram demasiado sofisticados ou limitados ao meu gosto pessoal, o que me isolava. Assim, reuni alguns amigos de personalidades e históricos diferentes para sujeitar este livro à crítica.

Outra limitação que experienciei foi a falta de recursos humanos no desenvolvimento do projeto. Ainda que tivesse bastantes pessoas disponíveis para me ajudar se contactadas, não podiam fazer muito mais do que me aconselhar. As diferentes facetas do livro recaem, na prática, apenas sobre o(a) mestrando(a) em si, dado que várias profissões de diferentes áreas do mundo editorial se fundem. Creio que isso corresponde a ter aprendido um pouco de tudo no decorrer do mestrado, e que isso seja bom, dado que, numa editora, as tarefas podem ser muito variadas e dinâmicas. Eu gosto disso, pessoalmente. No entanto, devido a esta solidão e à elevada quantidade de tarefas a fazer, tornou-se mais difícil alcançar uma qualidade satisfatória e profissional no produto final.

Além disto, creio ter sido uma limitação a minha falta de acesso a uma bibliografia mais extensa, pois desejava que houvessem muitos mais livros e fontes de conhecimento que eu pudesse consultar. Existe de facto muito material publicado sobre a pedagogia nos livros infantis, sobre *design* e marketing – o qual sondei longamente. No entanto, sobre a edição em si de um modo mais puro, sobre tipologias da edição e o mercado livreiro, os recursos são algo escassos.

Reconheço que a atenção que se presta a esta área se renovou apenas recentemente, pelo que ainda não existe a mesma dimensão literária de outras áreas. Foi possível perceber isto ainda antes de iniciar o projeto, nas disciplinas do mestrado em que dispunha de uma bibliografia reduzida para investigar e redigir artigos científicos.

Abordando ainda a bibliografia, o meu local de residência trouxe uma limitação no que toca à distância geográfica que me separava da biblioteca da Universidade de Aveiro ou da Universidade de Coimbra, a que também recorri.

A nível técnico, não me senti insuficiente senão quanto às impressões-teste e à impressão do mono final, em que tive de recorrer aos serviços de uma gráfica, os quais não eram geridos de forma a favorecer-me. Se fosse imperativa a impressão do mono com uma capa dura, por exemplo, tal poderia não ser possível por não existirem muitas gráficas para o público geral que disponibilizem tal serviço.

Utilizei o meu computador pessoal para aceder aos *softwares* de que necessitava, tendo noção de que, se não dispusesse destas ferramentas, teria de recorrer ao material da universidade, o que me limitaria em termos de recursos e de tempo.

3. Reflexão crítica

Segue-se a minha reflexão quanto ao desenvolvimento deste projeto editorial, tecendo variadas conclusões quanto à sua utilidade e significado.

Creio que tive sucesso em termos de gestão. Comecei o projeto relativamente cedo, antes ainda do início do ano letivo que lhe corresponde, sabendo que isso seria muito vantajoso a longo-prazo. Foi de facto, pois pude dedicar-me às disciplinas do mestrado que restavam e ainda a um trabalho full-time que não previra. O facto de ter investido no projeto durante meses em que não tinha aulas nem trabalhava compensou, pois pude propositadamente deixá-lo imóvel enquanto me dedicava a outras questões, para depois regressar com uma perspetiva fresca e continuar a redigir e a editá-lo, descobrindo desta maneira muitos detalhes nos quais não reparara antes e aos quais atendi – e dispondo ainda de bastante tempo. Aprendi que o tempo é um recurso valioso e que deve ser o primeiro a ser bem gerido: as consequências do contrário podem trazer muitos prejuízos. A sobreposição de tarefas que podem ser desenvolvidas independentemente também foi um aspeto que procurei entender e dominar.

A gestão de custos também implicava reduzi-los significativamente, um objetivo que foi atingido.

Quanto a todo o processo de planeamento e pesquisa, produção e edição de conteúdo, conceção e produção gráfica, consulta de pessoas e de livros técnicos, impressões-teste e deslocações a gráficas, e ainda da redação de um relatório e da montagem de uma apresentação

– creio ser possível completá-lo num par de meses e ainda obter uma qualidade razoável, mas não considero que seja proveitoso quanto a adquirir e/ou aplicar conhecimentos.

Ao consultar projetos e relatórios de anos anteriores, pude detetar pontos positivos (como uma boa estrutura, inquéritos de avaliação de crianças quanto ao livro, e um profissionalismo bastante realista) e negativos (como a falta de atratividade estética considerando o público infantojuvenil que estava em causa, sem provas de uma gestão de recursos e da planificação das atividades associadas). Este estudo trouxe-me um conhecimento alargado dos meus futuros procedimentos.

Foi também possível descobrir uma aliança entre o meio digital e o meio tradicional, produzindo ilustrações à mão, inspiradas por imagens *online*, e digitalizá-las e editá-las a partir de computadores. É possível discernir a textura do papel de aquarela e o que resta de traços a lápis, o que traz ao livro o seu aspeto velha guarda, mas imenso foi alcançado apenas graças à sua edição digital, nomeadamente a paginação e o domínio da tipografia. Creio que a combinação destes dois mundos, ao invés da exclusão de um deles (seja este qual for) é o futuro da edição.

Beneficiei deste projeto, ganhando competências e capacidades que não teria desenvolvido tão profundamente num estágio ou numa tese: dada a aplicação prática e pura dos conhecimentos adquiridos ao longo do mestrado, que foram na sua totalidade reunidos num só projeto. O resultado da frequência deste curso foi então materializado no sentido literal. Tendo passado tanto tempo na execução deliberada deste projeto, aproximadamente um ano e assim mais tempo do que a duração de um estágio, o efeito da aplicação dos conhecimentos foi mais profundo e assim sinto-me favorecida no que toca a vir utilizá-los na minha carreira futura na área da edição.

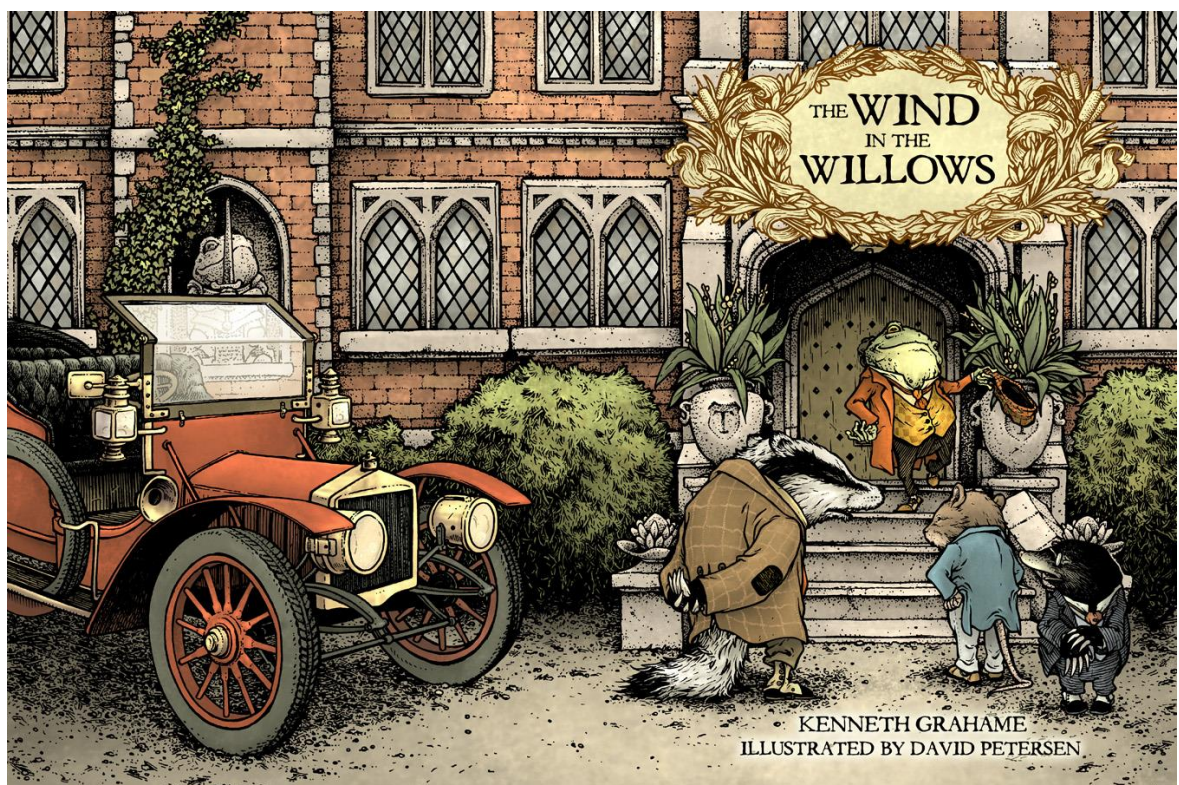
IV - Bibliografia

- Carvalho, Bernardo P. (2011). Praia-Mar. Planeta Tangerina;
- Castela, Alexandra, & Gouveia, Elsa A. Melo. (2010). Um Lugar Chamado Açores.
- Evans, Joel R., & Berman, Barry. (1990). Marketing. New York: Macmillan Publishing Company.
- Publiçor;
- Faust, Gretchen. (2017). Hair, Blood and the Nipple Instagram Censorship and the Female Body: Ethnographic Perspectives Across Global Online and Offline Spaces. Digital Environments;
- Ferreira, Bruno, & Marques, Humberto, & Caetano, Joaquim, & Rasquilha, Luís, & Rodrigues, Miguel. (2012). Fundamentos de Marketing. Lisboa: Edições Sílabo;
- João, Ângela. (2006). Clara na Ilha Terceira, Açores. Gailivro;
- Kirchof, E. R. (2011). A evolução da literatura infanto-juvenil na cibercultura: reflexões a partir da Semiótica Evolutiva da Cultura. Outra Travessia;
- Lanes, Selma G. (1984). The Art of Maurice Sendak. New York: Abrams;
- Linden, Sophie Van der. (2006). Lire l'album. Le Puy-en-Velay. Atelier du poisson soluble;
- Martins, Isabel Minhós, & Carvalho, Bernardo P. (2008). O Mundo num Segundo. Planeta Tangerina;
- Mussio, Simone. (2015). Um olhar alteritário em Bakhtin: o estudo do enunciado como forma de diálogo. Estudos Linguísticos – N. 30 – 2015.2 –SOLETRAS – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ;
- Ramos, Ana Margarida, & Cortez, Maria Teresa, & Mourão, Sandie. (2017). Fractures and Disruptions in Children's Literature. Cambridge Scholars Publishing;
- Ramos, Ana Margarida. (2015). Um balanço da literatura infantil portuguesa contemporânea. RLLCGV: Revista de lenguas y literaturas catalana, gallega y vasca;
- Real, Miguel Corte. (2001). Zacarias e o Mundo da Fantasia. Coleção Montanha Encantada. Everest Editora;
- Silva, Carla Goulart, & Lopes, Filipe. (2007). A história de Zeca Garro. Ecoteca do Pico;

V – Anexos

Anexo 1

Ilustrações de *O Vento nos Salgueiros* para comparação: a original, à mão, de Inga Moore, e a mais recente, por computador, de David Petersen.



Anexo 2

A grelha elaborada.



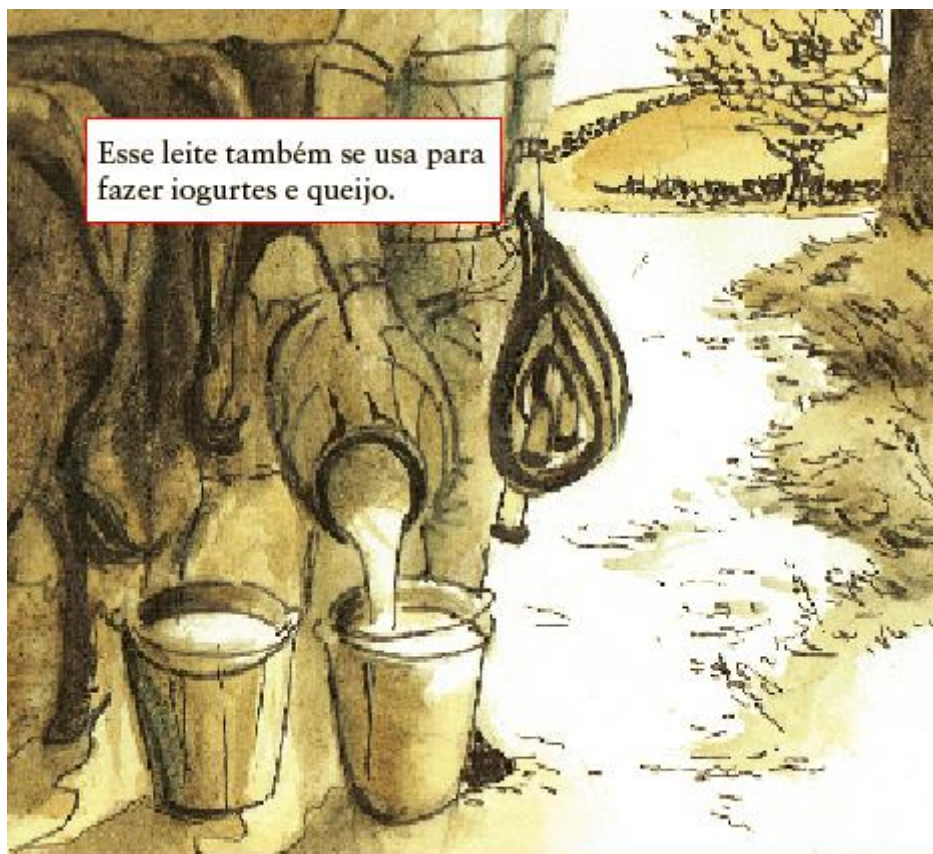
Quando lhes pegas ao colo e encostas cabeça com cabeça, consegues ouvi-los suspirar. Hmpffff. Hmpfff.

Anexo 3

Caixa de texto opaca versus translúcida, tendo originalmente sido escolhida a opaca.

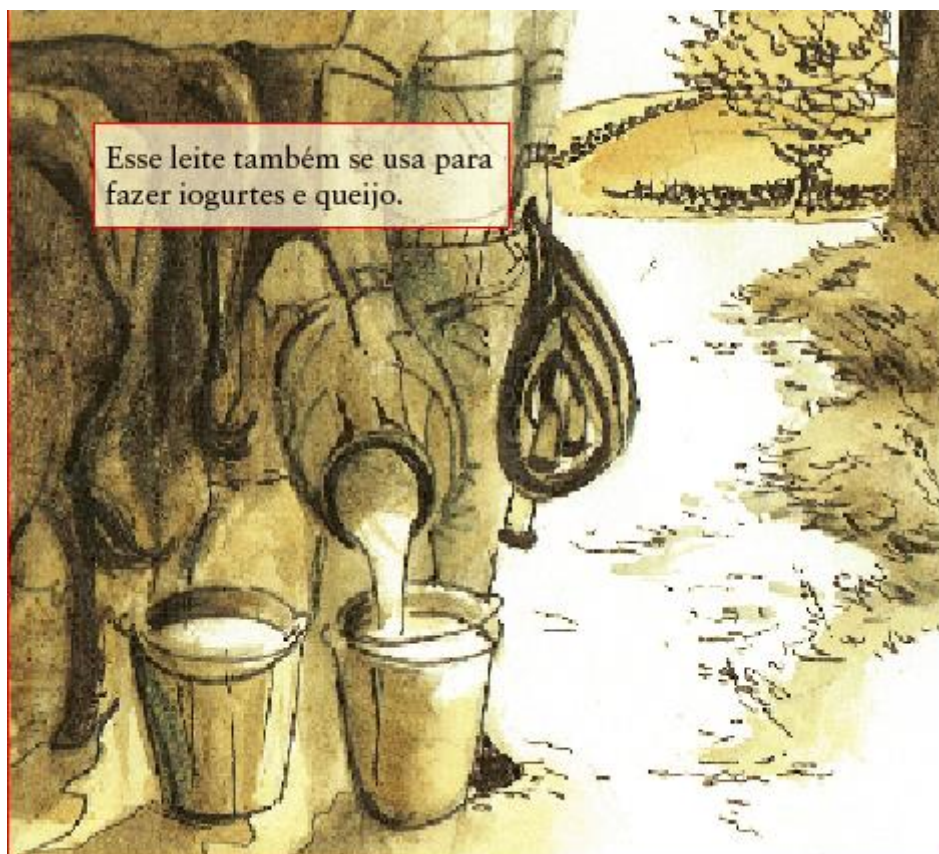


Quando lhes pegas ao colo e encostas cabeça com cabeça, consegues ouvi-los suspirar. Hmpffff. Hmpfff.



Anexo 4

Caixa de texto opaca versus translúcida, tendo originalmente sido escolhida a translúcida.





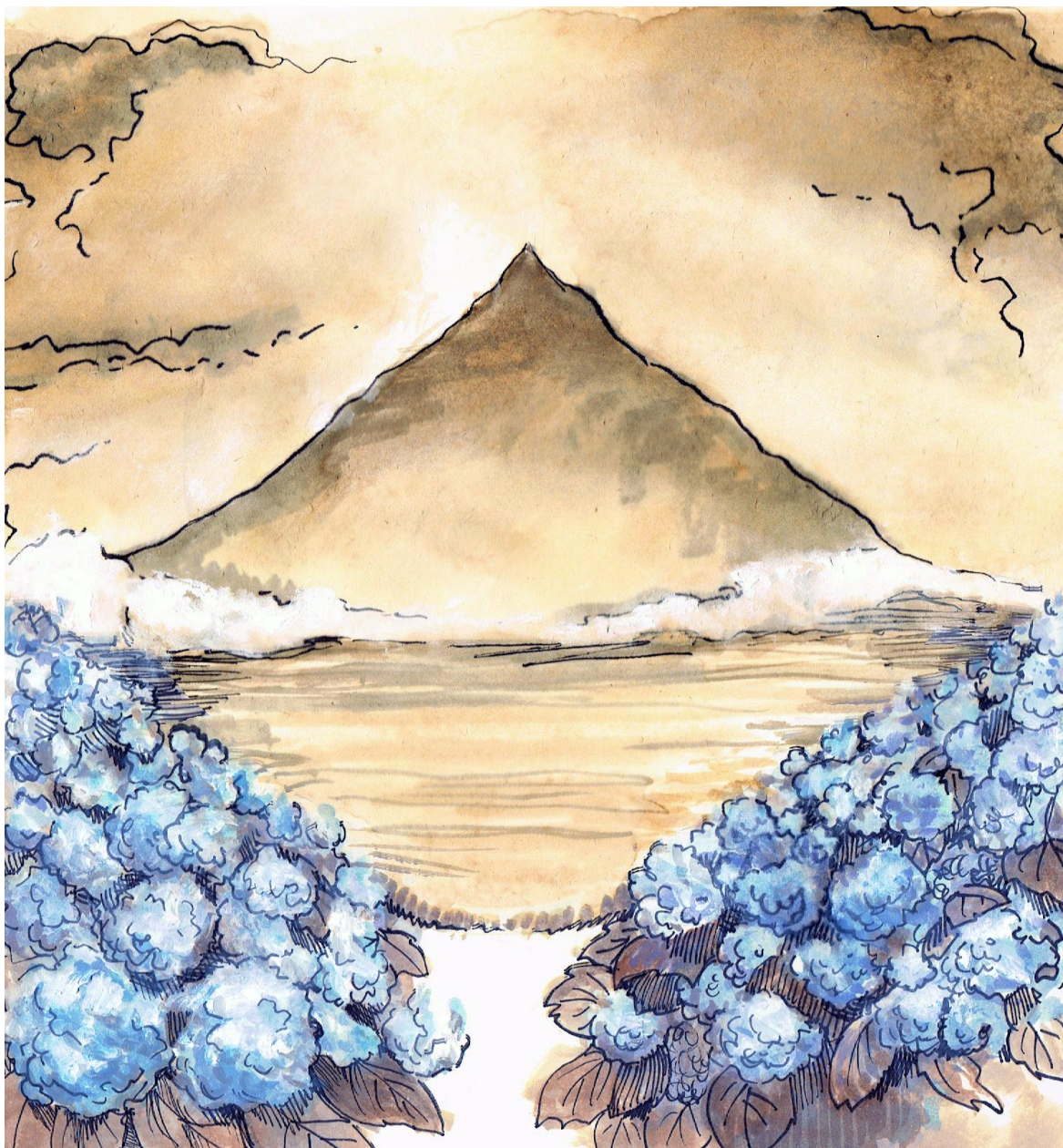
Anexo 5

As duas primeiras capas.



Anexo 6

A terceira e última capa

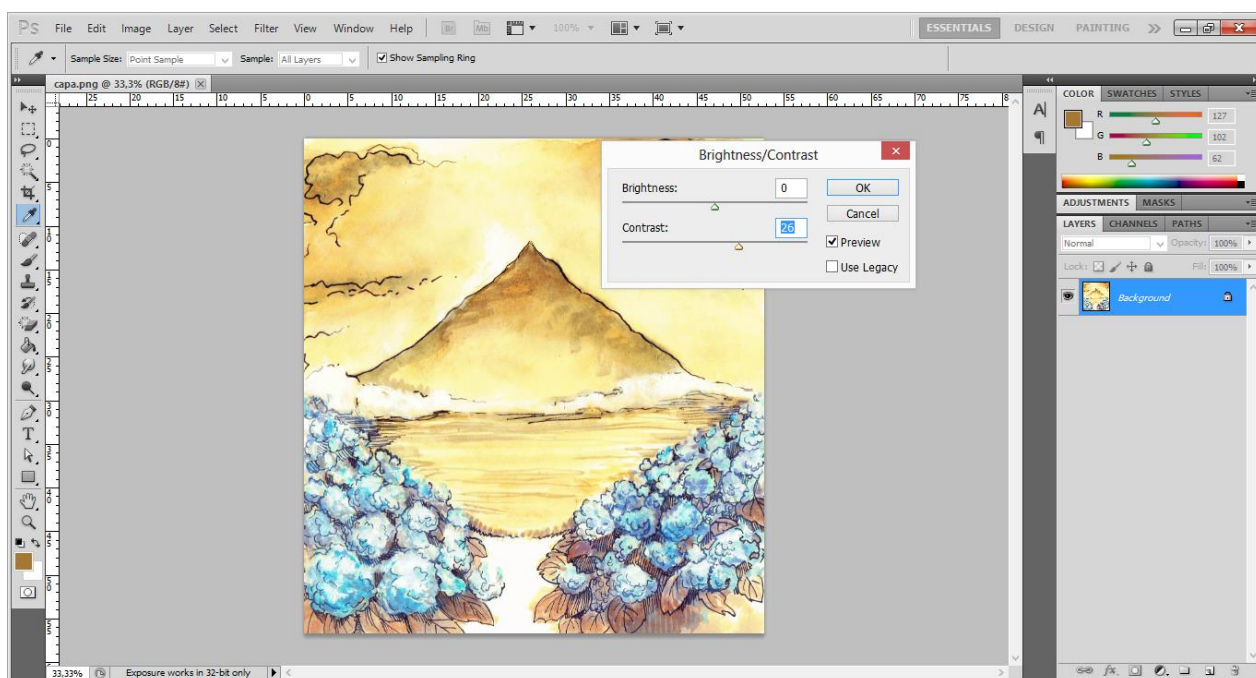




Anexo 7
Produção de
ilustrações à
mão

Anexo 8

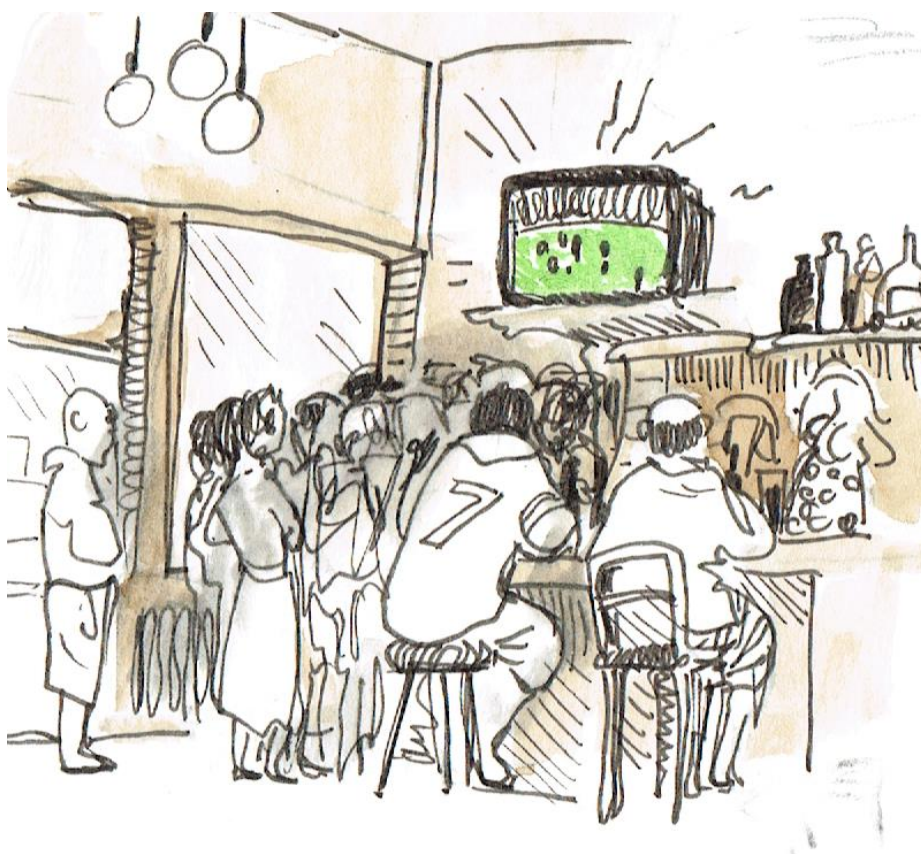
Edição de ilustrações no Photoshop





Anexo 9

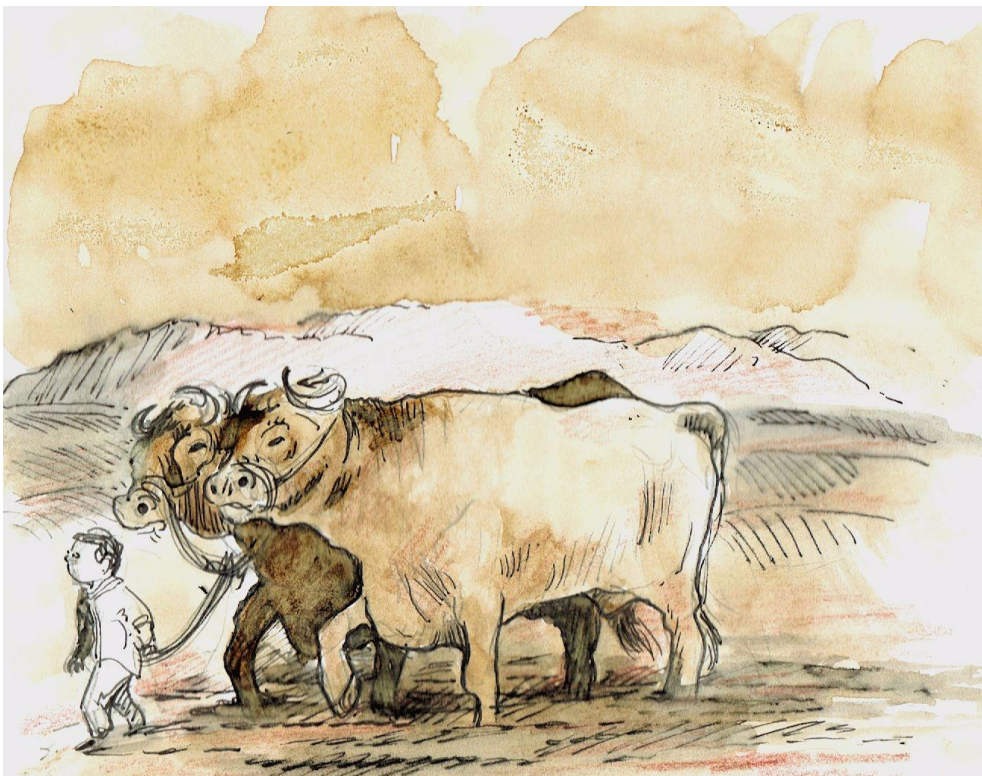
Local fechado
sem iluminação
versus local
fechado com
iluminação.





Anexo 10

Día nublado
versus día de
sol.



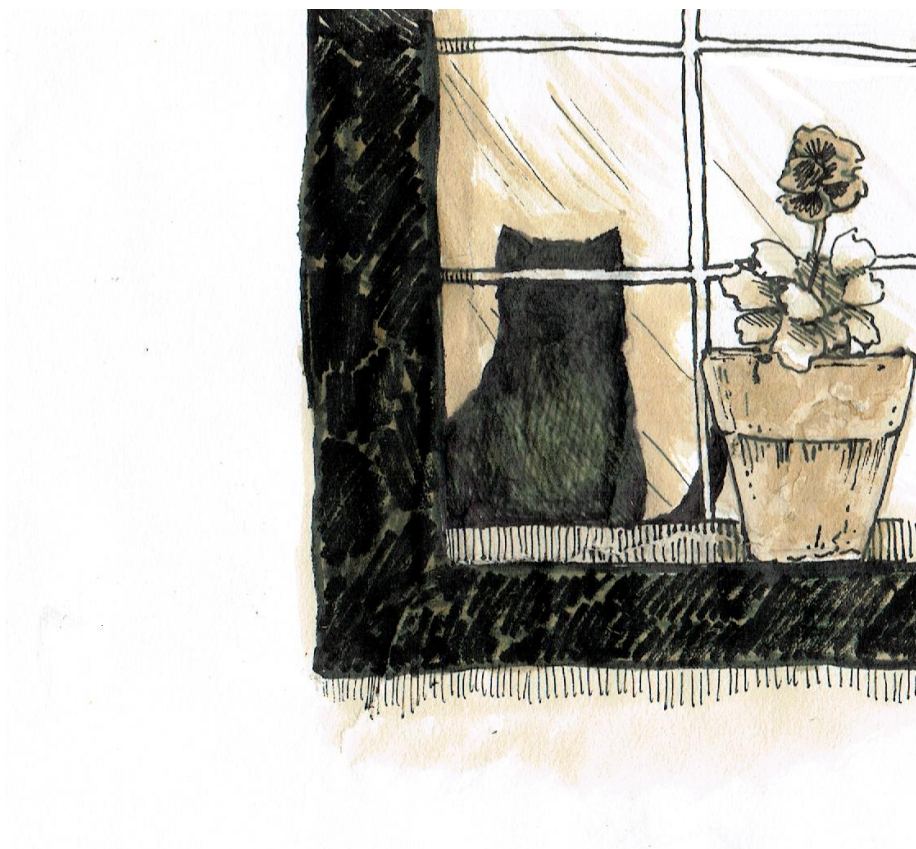
Anexo 11

Dia de nevoeiro, com o horizonte esbatido.



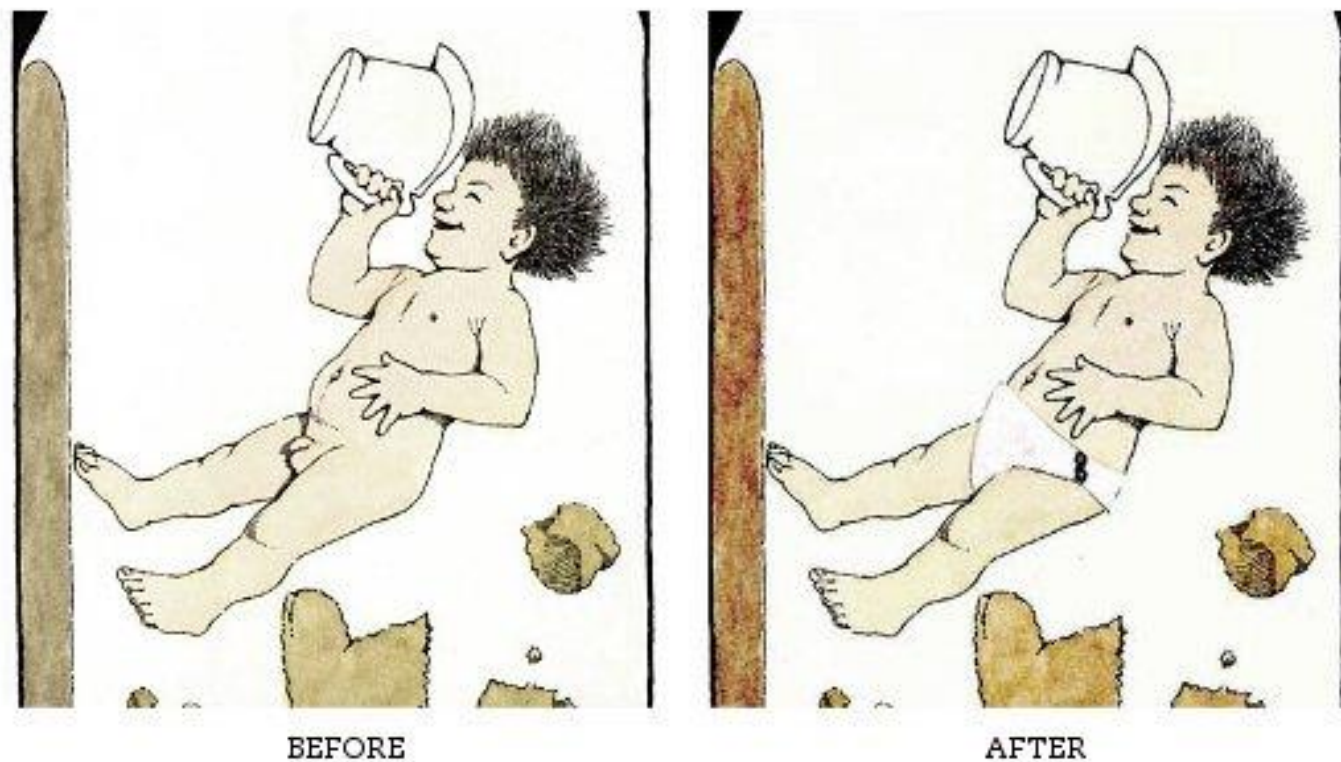


Anexo 12
Antes e depois.



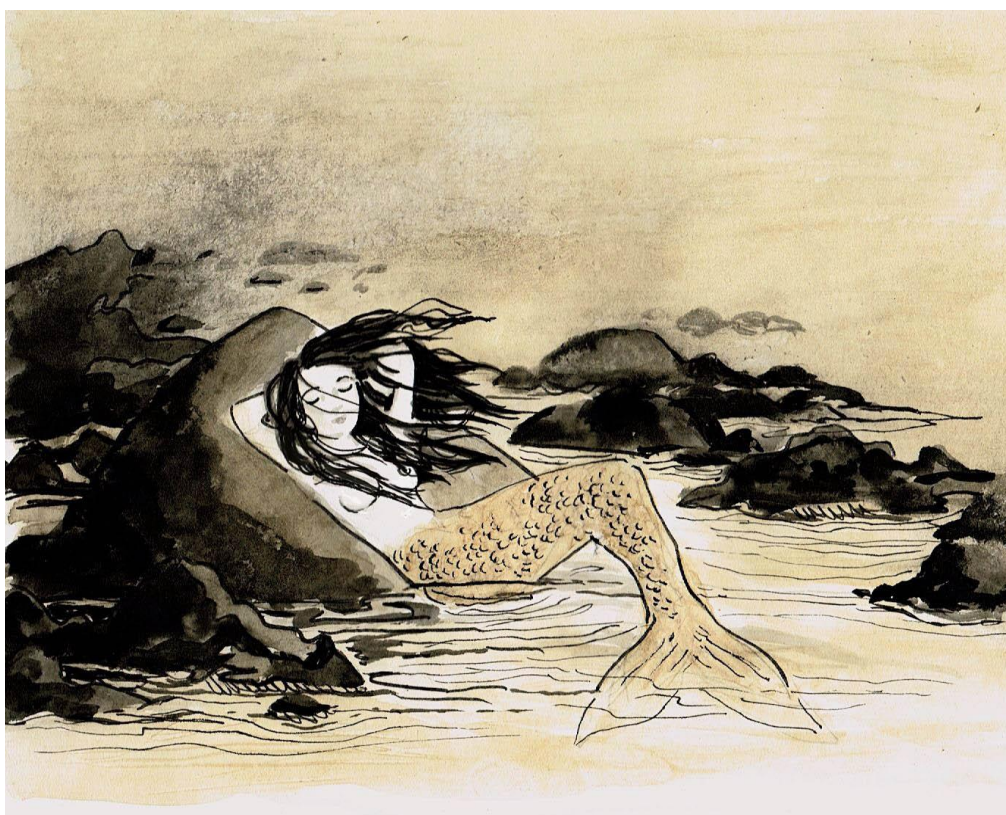
Anexo 13

Night Kitchen, de Maurice Sendak, censurado nos anos 70.



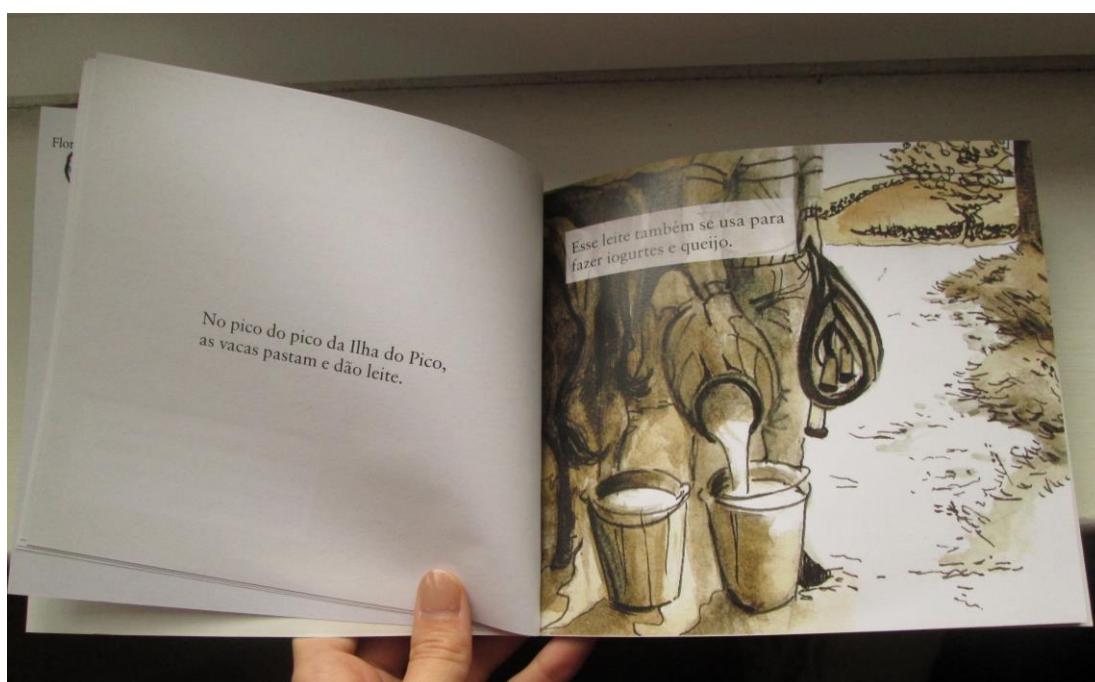
Anexo 14

Sereia
antes e
depois.



Anexo 15

Impressões-teste.



Anexo 16

Topless em *Cá em Casa Somos...* de Isabel Minhós Martins, ilustrado por Madalena Matoso, Planeta Tangerina, 2009



